

Os malditos do mimeógrafo

Com ousadia, a geração
da chamada poesia marginal
rompeu as regras do
mercado editorial para
dar vazão a uma literatura
igualmente transgressora





EDITORIAL

Durante a década de 1970, surgiu um movimento que sacudiu a literatura brasileira. Foi a geração mimeógrafo. Jovens poetas começaram a publicar, artesanalmente, e a distribuir seus livros em bares, nas portas de cinemas e teatros, principalmente em grandes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília.

A reportagem do **Cândido** entrevistou, entre outros, Chacal, um dos principais autores daquela geração, além de estudiosos do assunto: a professora da Universidade Federal de Lavras (UFLA) Débora Racy Soares e o professor da Universidade de Brasília (UnB) Paulo Paniago. Também foram consultados o poeta, tradutor e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) Paulo Henriques Britto e o poeta Diego Petrarca.

Em 1976, Heloisa Buarque de Hollanda organizou uma antologia reunindo alguns dos autores mais significativos daquele período: trata-se de *26 poetas hoje*. A partir de então, lenta e irreversivelmente, os poetas marginais passaram a ser incorporados pelo sistema editorial. Já no século XXI, a Companhia das Letras editou toda a obra poética de Ana Cristina Cesar, Paulo Leminski e Waly Salomão, nomes que despontaram durante aqueles anos de desbunde.

Além de uma ampla reportagem, a edição traz textos de Claufe Rodrigues e Antonio Thadeu Wojciechowski sobre o que foi vivenciar aqueles anos de poesia e liberdade, apesar da pressão e da censura do regime militar. Inéditos dos poetas Bernardo Vilhena, Salgado Maranhão e Tavinho Paes completam o especial.

Boa leitura!



Uma das revistas que reuniu a produção de poetas marginais nos anos 1970.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiários:

Lucas de Lavor e Kaype Abreu

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Bianca Franco, Marília Costa, Marluce Reque

e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

Antonio Thadeu Wojciechowski, Bernardo Vilhena, Bianca Franco, Claufe Rodrigues, João Lucas Dusi, Kraw Penas, Marília Costa, Orlando Kissner, Rafa Campos, Salgado Maranhão e Tavinho Paes.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
Segunda à sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP



Novos projetos

O novo secretário de Estado da Cultura do Paraná, João Luiz Fiani (à direita), reuniu-se com o diretor da Biblioteca Pública do Paraná, Rogério Pereira, para definir novas metas para a BPP, a serem realizadas nos próximos anos. As melhorias no prédio histórico, iniciadas em 2013 com a troca da rede lógica e elétrica (que possibilitou a instalação da rede *wireless* e a substituição dos antigos

fichários de papel por computadores), devem continuar. O objetivo é dar início à reforma completa da Biblioteca até 2017, quando a instituição completa 160 anos. O projeto, realizado pelo arquiteto Manoel Coelho, já está pronto. O Núcleo de Edições, responsável pela publicação do jornal *Cândido*, pelo selo Biblioteca Paraná (edição de livros) e pelo Prêmio Paraná de Literatura, será mantido e aperfeiçoado. A melhoria do acervo da BPP será outra meta para os próximos anos.

Aventuras literárias e lançamento

No dia 14 de agosto, o escritor infantojuvenil Pedro Meirelles participa do projeto “Aventuras Literárias”. O evento tem início às 15h no auditório Paul Garfunkel, no 2º andar da BPP. Nascido em Laranjeiras do Sul (PR), Meirelles é autor de *O pulo do gato* e *O bruxo que transformava crianças em animais*, obras que serão relançadas na BPP no dia 15, às 10h. A entrada é franca para ambos os eventos.

Encontro de atendentes de Bibliotecas Públicas

Entre 19 e 21 de agosto, a BPP promove mais um Encontro de Atendentes de Bibliotecas Públicas. Serão três dias de palestras, visando aperfeiçoar a qualificação dos profissionais que atuam nas bibliotecas do Estado. No total, 30 vagas são disponibilizadas e as inscrições, gratuitas, podem ser feitas até 17 de agosto pelo telefone (41) 3221-4986.

Concurso de contos Paulo Leminski

Estão abertas até 30 de setembro as inscrições para o 26º concurso de contos Paulo Leminski, realizado pela Prefeitura de Toledo, em parceria com a Universidade Estadual do

Oeste do Paraná (Unioeste). Os três primeiros colocados recebem premiação em dinheiro (R\$ 2.500, R\$ 1.800 e R\$ 1.500, respectivamente) e têm seus trabalhos publicados em livro. Também haverá premiação para o melhor conto de escritor residente em Toledo. As inscrições são gratuitas. Mais informações: www.toledo.pr.gov.br.

Alan Pauls no Litercultura

O argentino Alan Pauls é um dos destaques do terceiro capítulo do festival literário Litercultura, que acontece entre 28 e 30 de agosto em Curitiba. O escritor participa da abertura do evento, no dia 28, às 20h, no Palacete Garibaldi. Pauls é autor de *O passado* — adaptado para o cinema por Hector Babenco. Publicou ainda a trilogia composta pelos livros *História do pranto*, *História do cabelo* e *História do dinheiro*. O evento é gratuito e os ingressos podem ser retirados no Memorial de Curitiba entre 15 e 27 de agosto, de terça a sexta, das 13h às 18h. Aos sábados e domingos, das 11h às 15h.



Mon gratuito aos domingos

A partir de setembro, o Museu Oscar Niemeyer (MON) terá entrada gratuita todos os domingos, entre as 10h e 13h. Além disso, serão promovidas atividades especiais, como oficinas, visitas mediadas e

contação de histórias. Atualmente, o MON oferece entrada gratuita no primeiro domingo de cada mês, além da Quinta + MON, quando o espaço fica aberto até as 20h, sendo que após as 18h a entrada é franca. Maiores de 60 anos e menores de 12 anos têm entrada gratuita no museu todos os dias de funcionamento (terça a domingo).

ENTREVISTA | ERNANI SSÓ

No limite entre o drama e o cômico

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Arquivo do autor



Em meio a uma passagem pela capital francesa, Ernani Ssó, na sombra, pensa no ato de escrever ficção: "Me divirto horrores e, de quebra, me esclareço pra mim mesmo".



Como o diabo gosta tem distribuição nacional e pode tornar a ficção de Ernani Ssó visível para um público mais amplo.

Ernani Ferreira da Fonseca Rosa, ou Ernani Ssó, como ele assina artisticamente, está faceiro. *Como o diabo gosta*, romance escrito há quase duas décadas, finalmente está publicado.

Ssó é autor de outros livros, a novela *O sempre lembrado* (1989), o romance *O emblema da sombra* (1998), além de 20 títulos destinados a crianças, por exemplo, *O voo da bruxa* (2007) e *A saga do lobisomem sob um sol de rachar* (2015). Mas, desta vez, a obra dele sai pela Cosac Naify, com distribuição nacional e texto de apresentação do escritor e jornalista Sérgio Rodrigues. Ssó, que se define como um escritor com senso de humor, demonstra estar realmente satisfeito com a publicação de *Como o diabo gosta*. Nesta entrevista, comenta detalhes da obra, na qual o

personagem Camilo, entre um trago e outro de mate, lembra de sua formação durante os anos 1970, 1980, entre algumas praias de Santa Catarina e Porto Alegre, cidade onde o autor vive desde 1972 — Ssó nasceu em Bom Jesus, interior do Rio Grande do Sul, em 1953. *Como o diabo gosta* tende a despertar riso e reflexão nos leitores. É um romance que traz ironia, característica marcante do texto deste autor que, em 1973, entrou no curso de jornalismo e no ano seguinte abandonou a faculdade. Motivo? Queria ser escritor. Camilo, o protagonista do romance, é um escritor que faz traduções, o que coincide com o percurso de Ssó: desde 1987, já traduziu mais de 50 obras do espanhol para o português, entre as quais *Dom Quixote*, publicado em 2012 pela Penguin-Companhia das Letras. Mas, de acordo com ele, não há pontos de contato entre autor e personagem: “Apenas brinquei de aproximar e distanciar o Camilo de mim”. Ssó diz gostar de escrever livros esquisitos, fora do esquadro. Admira a produção literária de Julio Cortázar, Jorge Luis Borges, Stendhal, Franz Kafka, Joseph Conrad, Robert Louis Stevenson e Philip K. Dick. Aprecia bife com fritas, água, vinho tinto e cerveja. Alguns de seus textos são publicados regularmente nos sites coletiva.net e no Sul21. O resto, e mais um pouco, ele conta neste bate-papo.

Numa incerta manhã, após um sonho agitado, Camilo, o protagonista de *Como o diabo gosta*, acordou exatamente o mesmo de sempre. Como você o define?

Suspeito que você quer saber se ele sou eu, já que é escritor e tradutor como eu. Mas não. Eu apenas brinquei de aproximar e distanciar o Camilo de mim. Compartilhamos algumas alegrias e raivas, um jeito irreverente de ver o mundo, a preferência por alguns autores, por vinho tinto e seios que cabem numa taça de champanhe (viva Drummond e abaixo o silicone!). Enfim, quem espera fatos, vai se decepcionar ou cair em todas as armadilhas que espalhei pelo livro.

Acordar o mesmo, não um inseto monstruoso, não é só uma brincadeira com a *A metamorfose*, do Kafka, um dos poucos livros que considero perfeito. Muitos livros e filmes começam com uma mudança brusca na vida do personagem, uma separação, a morte de um filho, essas coisas. Só que o drama da maior parte das pessoas é não haver mudança nenhuma, é o sujeito continuar o mesmo, preso na mesma circunstância. Não parece nada atraente partir daí, não? Mas em literatura, você sabe, é como contar que faz a diferença. E a história do Camilo é a de uma busca — uma busca encarniçada e obscura. Bom, não teria graça se fosse óbvia.



O escritor faz "queixinho" em uma estátua em Buenos Aires. "Quando eu era menino, havia uma brincadeira: passar mão no queixo de alguém desprevenido e dizer: 10 de queixinho. Ou 15. O cara 'envaretava' e o desafio era passar de novo, sempre aumentando a numeração", conta.

Por falar como contar, o romance está carregado de humor, na linguagem e nas cenas.

Sim, mas não é uma comédia ou é uma comédia com peso dramático. Gosto de andar no limite entre o drama e o cômico. É assim que vejo e sinto o mundo. Aos 18, 19 anos, eu queria ser humorista. Não consegui. Acabei um escritor com senso de humor. Tudo bem, dá pro gasto.

Entre um mate e outro, Camilo recupera parte de seu percurso. Qual, exatamente, é a faixa de tempo narrado no romance?

Acho que o mate do Camilo dura uns 20 minutos. Todo o romance decorre nesses 20 minutos. Eles são o tempo presente, os trechos em itálico. O resto — lembranças, invenções, delírios — vem embutido aí, como muamba no fundo falso da maleta. Essas lembranças vão da infância a poucos meses atrás, mas a maioria se localiza no fim dos anos 1970, começo dos 1980 — quando a ditadura estrebuchava —, com a boemia no Bom Fim, em Porto Alegre, e loucuras nas praias de Santa Catarina, como algumas noites de carnaval no Farol de Santa Marta. Não sei, talvez eu devesse ter sido explícito em matéria de datas.

Como surgiu a forma do livro, essa espécie de mosaico ou caleidoscópico, com muitos capítulos que podem ser lidos como contos? Segundo Sérgio Rodrigues, na orelha, talvez Camilo não saiba que está "em busca do Santo Graal: um modelo artístico para a própria bagunça da vida". O que diz disso?

Eu também não sabia, no começo, mas logo a ficha caiu e tratei de tirar vantagem. O livro se apresentou assim, aos pedaços, matéria bruta que resiste a um enredo tipo feijão com arroz, mas que segue uma ordem ditada pelos caprichos da memória, de justaposição de comédia e drama, realismo e alucinação, de

“A geração do Camilo, que é a minha, ‘descobriu’ o litoral catarinense nos anos 1970. Boa parte da educação sentimental dos gaúchos dos anos 1970 foi nas areias catarinenses.”

dor e alegria, e mesmo uma justaposição formal, com uma boa variação estilística. Trata-se de um quebra-cabeça, mas nada caótico, tudo gravita em torno desse mate numa manhã horrorosa e do Camilo, que espalha pistas ao longo do texto pro leitor esperto juntar as peças. É um convite pra esse leitor espiar por cima do ombro do Camilo na hora em que ele toma notas sobre o que vai escrever. Acho que isso faz parte da diversão, como as histórias absurdas, o riso, o sexo, os malucos de todo tipo.

Há entre nós outro livro assim?

Não tenho ideia. Enfim, gosto de experimentar, mas jamais me afasto da narração. A narração, como dizia Borges, é um dos grandes prazeres do homem. Não abro mão desse prazer, não importa a moda que esteja bombando.

Há episódios em Porto Alegre, como a apresentação dos Beatles e a suruba natural, mas talvez haja mais no litoral catarinense. Isso diz respeito à geração do Camilo?

Acho que há mais histórias nas praias porque havia mais aventuras nas férias que no dia a dia em Porto Alegre. Mas, sim, a geração do Camilo, que é a minha, “descobriu” o litoral catarinense nos anos 1970. Boa parte da educação sentimental dos gaúchos dos anos 1970 foi nas areias catarinenses.

E aquele poema do Vate do Bom Fim que aparece no romance? Aqueles versos breves que Camilo e Beto declamam: “Quando era nada sendo tudo/ e por esse então tudo e nada/ não eram nada e nem eram tudo”. Ou: “Do inconsciente e inocente/ daquele selvagem terrenal/ e também vampiro espacial”. Isso tem ponto de contato com a realidade? De que período?

Infelizmente é tudo verdade. Esse capítulo é um dos poucos “biográficos”.

Digo entre aspas porque meu método é o mesmo que se usa pra fazer almôndega: a gente pega vários restos de carnes de procedências variadas, às vezes suspeitas, mói e junta com ovo e temperos. Depois de frita e coberta de molho é difícil saber se a almôndega é de gato ou lebre ou soja. Eu tinha o livro do poeta anônimo que cito. Uma das coisas mais ilegíveis que já vi, com um humor involuntário fantástico. Havia, nos anos 1970, muita gente que fazia livros artesanais, xerocados muitas vezes, e vendia de bar em bar.

Arquivo do autor



Ernani Ssó de olho no mar de Imbituba, litoral de Santa Catarina, cenário recriado literariamente em *Como o diabo gosta*.

Não são poucas as mulheres com quem Camilo se relacionou. Ele foi um Dom Juan? Ou a memória dele recriou, batizando com desejo, o passado? Por que tanto interesse em tantas mulheres?

Ao contrário do Dom Juan, o sexo não é uma questão de domínio pro Camilo. Ele gosta das mulheres. Daí prefere distrair sua solidão com elas, em vez de colecionar selos, por exemplo. O sexo é importante no livro. Como eu acho sexo na literatura muito chato — mais chato que uma partida de beisebol, como dizia Ursula K. Le Guin —, tentei um dribble ou dois. Todas as cenas são diferentes: engraçadas ou ternas ou tristes, desesperadas ou sacanas ou, me perdoe o palavão, líricas, dependendo da situação e da mulher com quem Camilo está. Ou uma mistura dessas coisas, nos melhores momentos. O sexo me interessa, mas se, na sua descrição, não transparece a relação do casal, eu broxo. Sexo sem enredo é pornografia, como disse o outro. Isso é o que define a pornografia, não se a cena é explícita ou não. Enfim, sexo é das poucas coisas que é mais fácil fazer do que falar. Acho que a fantasia do Camilo colore ou distorce as lembranças. Ele sabe que não pode confiar muito no que lembra. Mas daí a inventar as mulheres está longe.

Os personagens de seu livro bebem muita cerveja. Mas em um trecho, a cerveja funciona como uma madeleine e, entre um gole e outro, Camilo relembra a chamada suruba natural. Considera este trecho um dos pontos altos do livro?

Gosto bastante da suruba natural, acho muito engraçada e reveladora de uma certa faixa da classe média da época. Também gosto do texto, um monólogo que é uma cavalgada doida. Acho que topei com a forma certa. Eu, pelo menos, não consigo ver essa suruba contada de outro jeito. Mas não sei se é um dos pontos altos do livro. Sei que muita gente gosta — quase sempre há unanimidade em matéria de sacanagem, não?

Camilo é um escritor que sente estar em descompasso com o mundo. Diz ter se fechado em casa para aprender a escrever antes de publicar. Quando deseja colocar o bloco na rua, o país está em crise. “Pra piorar, eu havia cometido um erro idiota. Achei que escrever bem era o suficiente. Deixei pra lá o que se chama de carreira. [...] Nunca soube conspirar e já estou velho demais pra aprender. Não tenho padrinhos nem ânimo pra concorrer a miss simpatia.” O ponto de vista de Camilo tem a ver com o seu? Ou é a maneira de pensar a postura de um escritor brasileiro no contexto em que vivemos?

Em todo esse trecho eu uso o Camilo como ventríloquo. Foi mais ou menos isso que me aconteceu. Acho que há muita trapaça, incompetência e superstição no meio literário. Mas não adianta choramingar. Se você fala com seu dentista, por exemplo, ele vai dizer que entre dentistas é assim também.

“Eu sou muitos e não consigo expressar todos, então pego carona com outros escritores. A graça está aí, não?”

Arquivo do autor



Escrever e passear com o cachorro Fritz são os dois hábitos, prioritários, de Ernani Ssó.

“Em Turvo, Ermo e Sombrio o arco-íris é em preto e branco. [...] As zebras, em Sombrio, não têm as listras brancas. [...] Você conhece as sete pragas de Turvo, Ermo e Sombrio? Nem queira, nem queira.” Onde ficam Turvo, Ermo e Sombrio? No imaginário do narrador? Na cabeça do escritor? Na realidade? O que significa Turvo, Ermo e Sombrio?

Essas cidades existem, sim. Ficam em Santa Catarina, perto de Araranguá. Mas naturalmente o arco-íris não é em preto e branco por lá. Eu e um amigo começamos uma brincadeira, pelos bares, com os nomes das cidades. Virou uma febre, passamos meses inventando coisas — criamos uma espécie de mitologia de Turvo, Ermo e Sombrio, até que algumas tiradas se tornaram senhas. Por exemplo, se alguém contasse uma história sem graça e ficasse um silêncio constrangedor na mesa, eu ou meu amigo dizíamos: “E ventava em Ermo...”, ou “Chovia em Turvo...”, ou “Anoitecia em Sombrio...”. Acabei incorporando isso no livro, como metáfora, um modo indireto, engraçado e nada piegas de dizer que se está triste, solitário, angustiado ou se sentindo patético. Enfim, essas cidades estão na realidade e no delírio dos meus personagens, transfiguradas como quase todo o resto, é bom que se diga.

Ao invés de Nova York ou São Paulo, o destino de Camilo, é Porto Alegre. Camilo foi condenado, por praga de madrinha, a sofrer na capital do Rio Grande do Sul? No Rio Grande do Sul não tem moradores, tem sobreviventes?

Segundo o Barão de Itararé, o Rio Grande do Sul não tem moradores, tem sobreviventes. Bom, ele falava isso por causa do nosso clima miserável. Mas o Camilo, como muitos outros, foi ficando e não podemos culpar a madrinha dele. O primeiro escritor a ficar foi Mário Quintana, que disse que provincianismo seria ir pro Rio. Talvez o destino do Camilo seja apenas a literatura. Daí não importa onde esteja. Suspeito que ele ficou no sul por causa de mulher, o que está longe de uma condenação. Pode ter sido a salvação, inclusive.

Quando você escreveu *Como o diabo gosta*? O livro ficou na gaveta? Reescreveu? Como surgiu a oportunidade de publicar?

Escrevi há milênios e engavetei, porque tinha muita coisa de que eu não gostava. Lá por 1995 ou 1996 ou 1997, resolvi: ou boto no ponto ou boto fora. Era um calhamaço monstruoso. Basicamente cortei e apertei os parafusos. Reescrevi muito pouco. Nem sei por quantas editoras passou. Quer dizer, não foi recusado, nunca me deram notícia alguma. Sei lá se alguém se deu ao trabalho de ler pelo menos umas vinte páginas. Mas isso foi bom, porque assim pude revisar o livro outras vezes e atenuar seus erros. Ano passado, enquanto traduzia *As novelas exemplares*, do Cervantes, pra Cosac Naify, mandei pra Heloísa Jahn. Ela não só leu o livro como se entusiasmou com ele. É isso, agora você já sabe em quem botar a culpa.

Como você analisa o seu livro no contexto histórico? Consegue apontar uma filiação?



Em Paris, onde Ernani Sôo reflete que, ao traduzir, aprende-se, antes de mais nada, ler a fundo. "Depois, a usar a própria língua com mais consciência", afirma.

Há romances, como uns do Antônio Callado ou do Tabajara Ruas, que falam das pessoas que estiveram na luta armada, mas não lembro de romances sobre os que caíram no que se chamou desbunde, que embarcaram na onda da contracultura, meio que viraram hippies e se meteram com drogas. Penso que o *Como o diabo gosta* é dos poucos nesse território, como os dois primeiros livros do Reinaldo Moraes ou os do Caio Fernando Abreu. Não garanto, não, que sou muito ignorante. O crítico Paulo Hecker Filho leu o original, nos anos 1990, e o considerava um retrato da minha geração. Acho meio forte — minha geração não é só a classe média. De qualquer forma, minha intenção era bem mais modesta, flagrar um sujeito pelo maior número possível de ângulos, daí o realismo e o delírio, a comédia e o drama. Quanto à filiação, sei lá. Fui

influenciado por tanta gente e gente tão diferente, como, só pra dar uns exemplos, Ivan Lessa e Campos de Carvalho, Luis Fernando Verissimo e Graham Greene, Chandler e Borges, Cortázar e Stendhal, Clarice e Trevisan... Mas talvez, de um modo muito indireto, o espírito que mais animou o romance tenha sido a anarquia do Henry Miller de *Trópico de câncer* e *Primavera negra*, que reli muito na adolescência.

Você se sente parte da literatura brasileira contemporânea? De que maneira?

Nunca pensei nisso, embora me sinta um alienígena em relação a quase tudo. Mas acho que faço parte sim: escrevo no português do Brasil e cada vez gosto mais do diabo dessa língua. Estou num verdadeiro xodó com suas expressões, suas graças e manias, seus ritmos

e remelexos, suas caras e bocas. Quero minha língua o mais longe possível desse português de tradução, sem açúcar e sem afeto, que se vê por aí. O fato de que minha literatura tem pouco a ver, pelo menos formalmente, com a da maioria absoluta dos brasileiros que li não me faz sentir solitário. Eu sou muitos e não consigo expressar todos, então pego carona com outros escritores. A graça está aí, não? Se fôssemos todos muito parecidos e apostássemos nas mesmas cartas, ia ser um tédio sem tamanho.

Sua vida mudou depois da publicação de *Como o diabo gosta*?

Pra me perguntar isso, você deve ter gostado muito do livro. Mas fora a Charlize Theron ter me ligado pra marcar uma janta, não aconteceu nada, não. Falando sério, que Deus nos perdoe, se com esse livro eu ganhar mais uns amigos, está feito o carroto. ■



O MOSQUITO

pousa na o mosquito
passeia tela do computador
encontra o pelos ícones
papel o branco do suposto
limita a área espaço de virtual
atuação
anda em o mosquito
semicírculos elipses círculos
minha
atenção não era muita
porém bastante para
me ater a temas mais
importantes como a discórdia muçulmana
enquanto o mosquito roda
apressado em busca do
alimento nasce no distante
oriente o septo
bilionésimo habitante do planeta
terra



CAUSA E CONSEQUÊNCIA

a distinção do malandro
a ética do bandido
a elegância morreu
deixando um último aviso
multiplicaram os otários
dividiram a policia
apareceram os covardes
reinventaram a milícia

o morro era favela
tinha orgulho e feitiço
virou comunidade
dentro dos próprios princípios
o morro era família
a mãe, a vó e a tia
era a lei do esculacho
pra quem saía da linha

mas um dia, de repente
chegando sem dar aviso
a violência latente
virou as armas do crime
chega de tanta injustiça
um grito de verdade
tudo tem um limite
e mudou a realidade

um bairro dentro do bairro
marginalizado
uma vida paralela
um risco pra sociedade
a lei não é mais a lei
perdeu a autoridade
o morro tem um novo rei
e invadiu a cidade

QUE MÚSICA É ESSA?

Que música é essa?
Que invade o poema
E me impele a escrever?

Que ritmo é esse?
Que escolhe palavras
A seu bel prazer?

Que som é esse?
Ruído imperfeito
A quebrar o desenho
Que parecia tão claro
E agora desfeito
Desdenha da forma
E se impõe por si só?

A melodia interrompida
Imita a vida com nuances
Surpresas, acasos e improvisos

Nada me resta além
Do silêncio quebrado
E a imprecisão dos sentidos



Bernardo Vilhena nasceu e vive no Rio de Janeiro (RJ). Poeta e escritor, é autor de alguns dos maiores clássicos do *rock* brasileiro dos anos 1980 ("Vida bandida", "Menina veneno", "Vida louca vida", "A vida tem dessas coisas", entre outros). Sua produção poética foi reunida recentemente em *Vida bandida e outras vidas* (Azougue Editorial). A obra inclui sete livros (*Agora, Prazer & compulsão, El tiempo de todos los tiempos, Balada para Carolina, Contemplação, Atualidades atlânticas, O rapto da vida*) e alguns poemas esparsos publicados na seção *Artimanhas almanaques e super OITO*, que abordam temas como memória, delírio e a própria criação poética.



Uma biblioteca para o futuro

Fotos Kraw Penas





O cronista José Carlos Fernandes consome livros há quase três décadas. Ele mostra à reportagem do **Cândido** seu acervo, que revela a formação intelectual do jornalista que também estudou Filosofia, Literatura e História da Arte

KAYPE ABREU

O jornalista José Carlos Fernandes começou a se interessar por livros ainda nos anos 1970. Hoje, aos 51 anos, estima ter perto de 2,5 mil títulos. O número, “chutado” por ele, pode parecer modesto para quem o conhece. Professor universitário, cronista e repórter especial do jornal *Gazeta do Povo*, Zeca, como também é conhecido, é aficionado por livros. É comum encontrá-lo na rua com uma sacola cheia deles, em geral usados como material de apoio às aulas que ministra na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Por isso mesmo, sua biblioteca pessoal é formada, em grande parte, por obras relacionadas ao seu interesse profissional. Com formação em Filosofia, Jornalismo, Literatura e História da Arte, Zeca é pródigo em “pensatas”. E tem uma sobre bibliotecas: “O acervo

de livros revela muita coisa sobre a trajetória do dono.”

As primeiras lembranças de Zeca em relação aos livros, são da infância, quando convivia com os clientes que frequentavam a banca de jornais da família, onde fascículos e enciclopédias eram artigos muito requisitados, uma espécie de febre editorial entre leitores no início dos anos 1970. A partir da adolescência, a ida ao seminário o colocou em contato com outras referências, mais ligadas às questões religiosas. Foi quando sentiu o desejo de ter seus próprios livros.

O *Manual de redação do Estadão* foi o primeiro livro que adquiriu após o período no seminário. É o marco-zero de sua biblioteca, que também conta com os exemplares que ganhou ainda na infância. “Mas a maior parte das obras eu comprei”, conta.

Apesar de a maioria do acervo estar ligada às demandas profissionais, de sala de aula, há muitos “livros afetivos”, como Zeca se refere aos chamados títulos de cabeceira. É o caso de *A invenção do cotidiano*, de Michel Certeau, que fala sobre a individualização na cultura de massa. Ou *Chega de saudade*, de Ruy Castro, que “conta a história da Bossa Nova de maneira íntima”.

Zeca ainda não leu todos os volumes que estão nas estantes. “Isso é um projeto para a velhice.” Quem sabe, no futuro, ele venha a usufruir de tudo o que está armazenando. Afinal, a leitura — o jornalista, professor e bibliófilo já falou em mais de uma ocasião — amplia os horizontes e, também, é um estímulo para a vida exterior e interior. “O escritor Alberto Manguel diz que em todo lugar tem um livro com uma página que foi escrita pra você.” ■

***Declínio do homem público* (1988), de Richard Sennett**

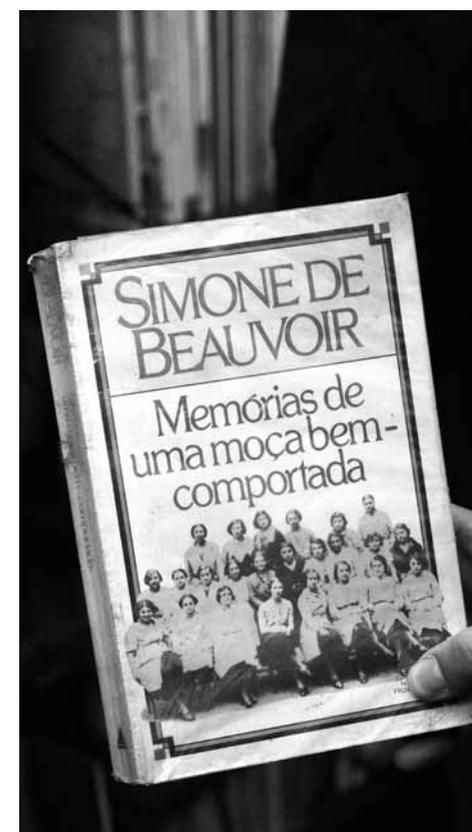
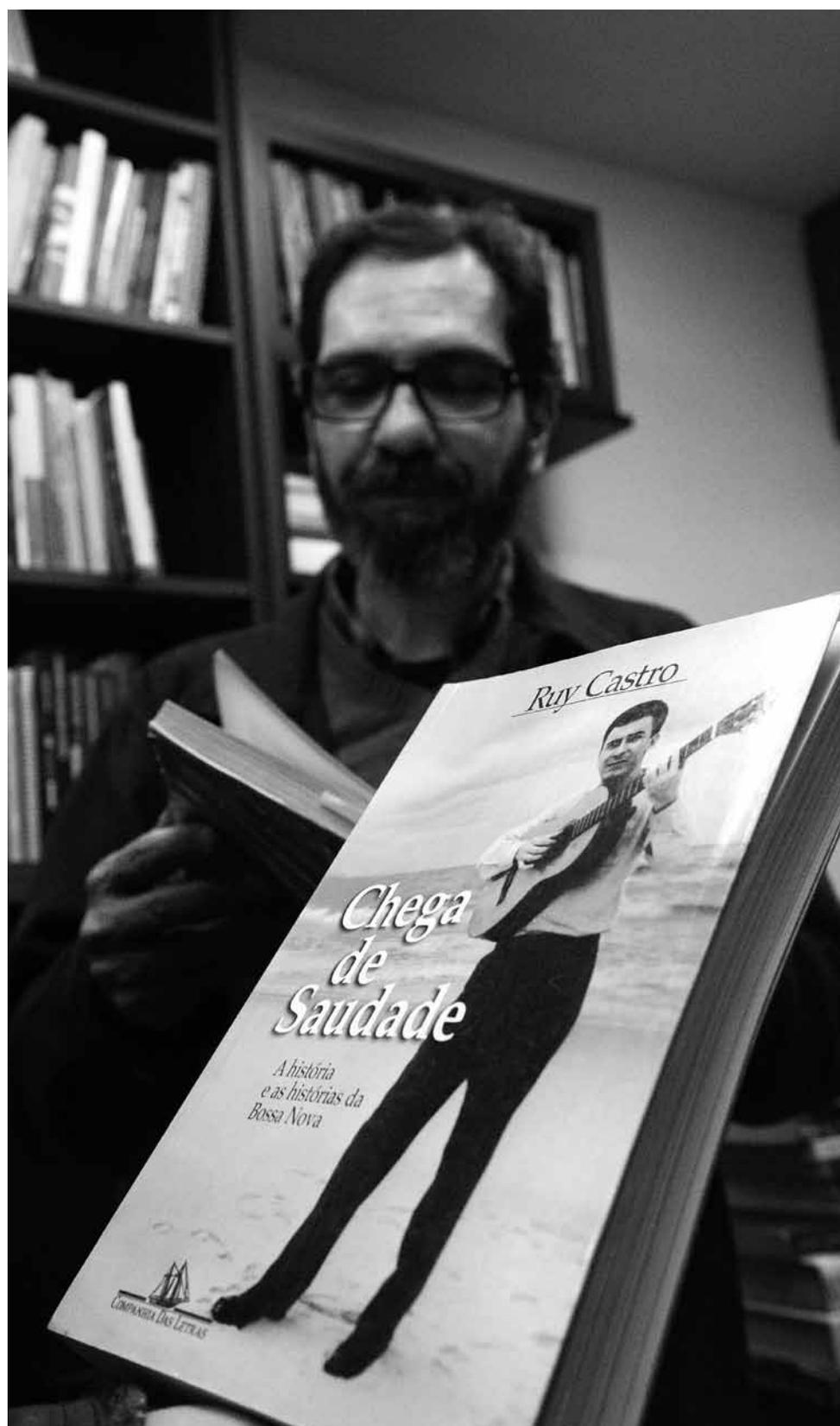
Clássico da sociologia contemporânea, *O declínio do homem público* discorre sobre o desequilíbrio da civilização moderna e a relação entre vida pública e culto ao indivíduo e ao individualismo. “O Sennett é um autor que amo de paixão. Ele me ajuda a organizar a vida, a organizar valores. Compro tudo que sai dele. Volta e meia a gente ajuda um aluno a encontrar o seu autor. Tive um que encontrou o Sennett. Fiquei feliz”.

***Questão de ênfase* (2001), de Susan Sontag**

“*Questão de ênfase* é um livro de ensaios. Em um dos textos, Sontag fala da escrita como um mergulho num lago gelado”, conta José Carlos. A autora acreditava que reescrever e editar um texto era a parte ‘quente’, a mais prazerosa de todo o processo. “Ela rejeita essa ideia da escrita como sofrimento. Para ela, escrever é como provar do próprio pensamento. É o oposto do que eu faço — geralmente tenho uma relação mais sofrida com a escrita.”

***O crepúsculo do macho* (1980), de Fernando Gabeira**

“*O crepúsculo do macho* revelou um olhar diferente daquilo que a gente tinha sobre a luta armada até então. O Gabeira era um autor que não estava do lado que gente se acostumou a ouvir, o heróico, o da pessoa que havia ficado para enfrentar o regime ditatorial. Ele era alguém que havia repensado seu papel. E a gente estava repensando, no momento da anistia, o que tinha sido o exílio e a ditadura.



Manual do Peninha (1973)

“Esse é o culpado de tudo. O *Manual do Peninha*, que era o sobrinho jornalista do Tio Patinhas. Todo mundo lia e queria ser jornalista. Era aqui que a gente sabia da história do Império Romano e do Acta Diurna [primeiro jornal conhecido, criado por Júlio César em 69 a.C], por exemplo. Hoje, toda redação tem alguém que recebe o apelido de ‘Peninha’”.

PifPaf - Edição fac-símile (2005)

“Pifpaf foi o primeiro jornal alternativo do Brasil. E lançaram a edição fac-símile. Quando a gente achava que teria acesso a isso? Também tenho todas as edições da *Bravo*, *Piauí* e *Vida Simples*. Essa coisa do colecionismo é um clássico do nosso país. O brasileiro adora colecionar revista.”



Chega de saudade (1990), de Ruy Castro

“Nesse livro, que conta a história da Bossa Nova, o autor vai apresentando o leitor com a história que ele cultivou. Esse é o trabalho do jornalista: entregar tão bem uma história a ponto de o leitor poder contá-la como se fosse sua.”

Memórias de uma moça bem comportada (19518), de Simone de Beauvoir

“Na faculdade a gente estudava os filósofos, mas não sabia nada da vida deles. Para mim, talvez fosse mais fácil entendê-los a partir da intimidade. No caso da Simone, ela fala da relação com a mãe, da vida burguesa e de como se tornou sexualmente livre. Lembro da frase dela que marcou gerações: ‘É mais importante ser livre do que ser feliz.’” ■

Menos que um (1986), de Joseph Brodsky

“Esse livro conta a história de um jovem na antiga União Soviética. O autor vai narrando a rotina dele nesse período. Uma família vivendo num quarto, sem cozinha e banheiro. Fui para a Rússia em 1997 para fazer um trabalho jornalístico. Queria conhecer melhor aquela sociedade e acabei lendo esse livro no avião, por indicação de um amigo.”

A invenção do cotidiano, de Michel de Certeau (1980)

“Se tivesse que levar um livro para uma ilha deserta, seria *A invenção do cotidiano*. Ele tem uma coisa parecida com a Bíblia. Há sempre uma nuance inesperada. O autor vai ajudando a gente a pensar naquilo que é real. O dia a dia, as relações com os objetos e com a vizinhança. Há uma matriz antropológica muito forte.”



LADAINHA

Não secarás as raízes
do teu sopro
no abismo da noite púrpura;
não seguirás o fantasma
que atravessa os trilhos;
não cantarás aos muros de arrimo
tua fantasia de pássaro.

Escarpado é o chão
dos teus sapatos;
escarpado é o azul
rabiscado de estrelas;
escarpada é a rima
que lateja a alegoria
da palavra.

LACRES

Lacre 1

Uma larva de espinho
mordeu-me o sonho. E
atravesso a noite
sangrando pétalas.

Com esses uns
que alumbram meus arco-íris
— através dos olhos —

durmo sob a Via Láctea
e a cortesia dos predadores.

Desolada em seu próprio
couro,
geme a poesia
na porta do matadouro.

Lacre 2

Sonhei uma flecha Karajá
chispando o vento. Da taba
à Civilização do prepúcio. Sonhei
um ramo de espírito: o urucum
no Corão.

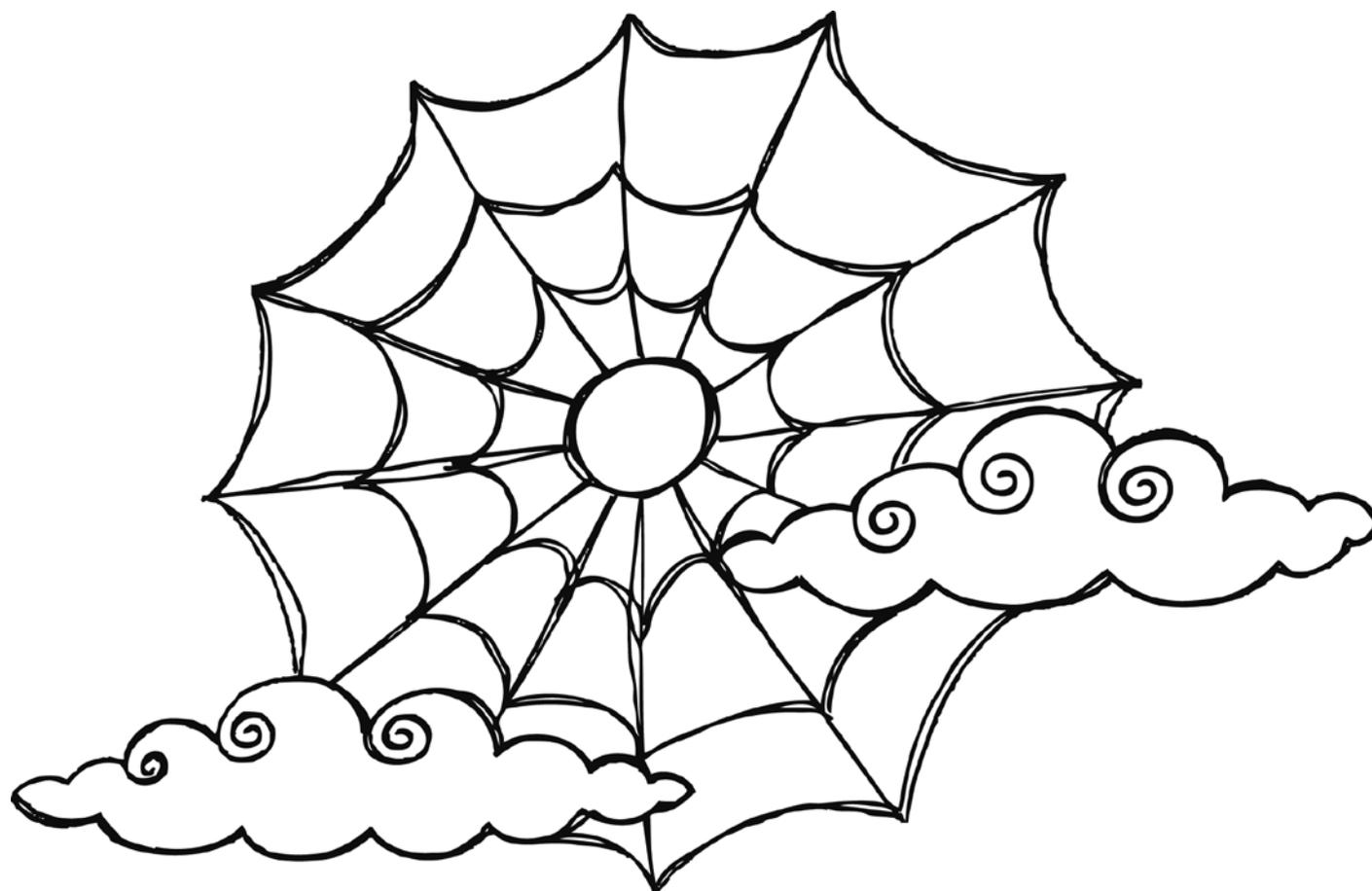
Que mar é esse
que inunda meus guizos?
que arcabouço alçará
minhas ramas de luz?

Um sol há de haver
para os que têm fome
de aurora, para
os roedores de silêncio.

Há um tempo de negar
o sangue ao sepulcro (negar
o osso ao machado).

A vingança entornou-se
no furor que devassa
o nosso umbigo (e
onde Deus esqueceu-se
das anjos?).

São matilhas uivando
o que resta.



Lacre 3

O mundo em seu lacre
de vidro,
agenda-se
para nutrir abismos: seu
pacote de raios; seu
tempo em demasia.

(E os anjos jantando crack,
e os porcos na sacristia).

Por isso edito esta cruz de sabres
nesse cardume de ontens,
nesse arremedo de eternidade.

Juro que vi
o século enfermiço decapitado
na cara da TV (a morte globalizando-se
em Pedrinhas ou em Kandarhar);

Juro que vi
a morte narcísica
e seu personal trainer: não matam
para infamar os céus, matam pelo pra-
zer de doer, matam
para querer ser Deus.

Lacre 4

Assim feito um cão
que morde a sombra,
a boca da rua
lambe
a cicatriz da noite sem ferrolho;
a partilha do eldorado entre víboras.

Assim feito esfinge
de sombras
na espreita, nada
resiste a esse olhar recluso;
nem a lua entre carcaças,
nem a última “Flor do Lácio”.

Ó crosta da memória em chamas,
que nos funda e finda
em trama, em treva, em Tróia!

Do outro lado da lágrima,
uma aranha insondável
tece o dia.

Lacre 5

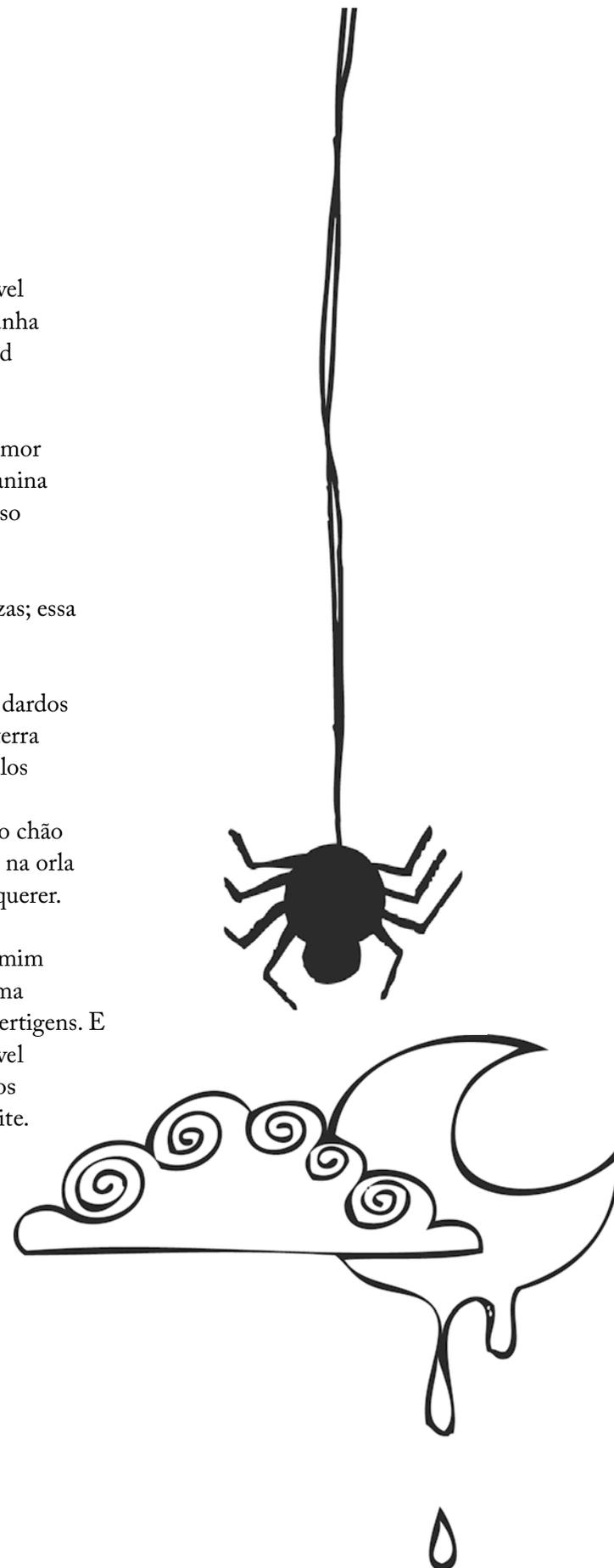
É na fé desdobrável
que o gueto rascunha
seu grito, sua jihad
chã.

Na linfa onde o amor
peçonha sua melanina
de pólvora. Por isso
nos bate à porta
essa ópera de cinzas; essa
flor desossada.

Cresce a selva de dardos
que amanhece a terra
bruta e os vocábulos

de pedra. Cresce o chão
ferido do desejo na orla
do que vejo sem querer.

Plantaram sobre mim
uma cidade vã, uma
enciclopédia de vertigens. E
essa boca infindável
em que como raios
para romper a noite.



 **Salgado Maranhão** nasceu em Caxias (MA) e desde 1973 vive no Rio de Janeiro. Seus primeiros poemas foram editados na antologia *Ebulição da escrivatura* (Civilização Brasileira, 1978). É autor, entre outros livros, de *Aboio – ou saga do nordestino em busca da terra prometida* (1984), *O beijo da fera* (1996) e *Solo de gaveta* (2005). Ganhou vários prêmios, entre os quais, o Jabuti (1999, com *Mural de ventos*) e o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras (2011, com *A cor da palavra*). Seus poemas foram traduzidos para o inglês, italiano, francês, alemão, sueco, hebraico, japonês e esperanto. Como compositor, tem gravações e parcerias com grandes nomes da MPB, como Alcione, Elba Ramalho, Dominginhos, Paulinho da Viola, Ivan Lins e Ney Matogrosso.

INFANTE TROPEÇA E FINGE CORRER

Caminhando a esmo pelo centro da capital que lhe inspira agonia, Infante se autodeclarou liquidado — e nem tanto pelas circunstâncias insólitas do país falido, mas por ter se tornado um especialista em autocomiseração. Quer dizer, o que ia tão mal, afinal? Tinha seu emprego, ou seja, era honrado, com carteira assinada, gordo salário mínimo, meio sábado livre e um domingo inteiro para desfrutar sua existência. Reclamar do quê? A única explicação plausível, então, é que ele não aprendeu a lidar com as guinadas — aceitáveis — de uma vida mediana, num país eternamente emergente. E agora, por ter sonhado alto tão cedo, se automedicado com doses cavalares de literatura no auge da inocência, sem nenhuma habilidade para sopesar as possibilidades reais, só restava lidar com a rotina desprezível que lhe oferecia desilusão e crescente angústia.

A caminhada estacou num sinal vermelho. A avenida é dupla, um dos lados exclusivo para o transporte coletivo modelo desfilarmodelo carregando confortavelmente seus habitantes modelos. Para clarear as ideias, acendeu um cigarro. Uma



pena que o tempo não contribuía com o estado de espírito do nosso herói: fazia sol, nada de céu nublado e vento cortante para dar um toque melancólico à narrativa. Terror real é que o barato relógio de pulso informava que faltavam apenas cinco minutos para o reinício do expediente. Diariamente, Infante servia mesas num requintado bistrô de Curitiba, ponto de encontro de empresários bem alimentados e despreocupados — os porcos gordos —, além de intelectuais polidos de fala mansa. Não gostava nem desgostava, isso é verdade, resignadamente aceitava que era necessário suportar esse presente medíocre para futuramente desfrutar a glória reservado ao esforçado. Com orgulho, bateria no peito e falaria de suas conquistas, seja lá que inutilidade tiver conquistado — feito uma comum cena curitibana, em que um velho no ônibus, após uma batalha para conseguir o assento preferencial, começa a conversar com o benfeitor que cedeu o trono, expressando aos berros seus méritos e mazelas. Mentira, enfim. Odiava o trabalho, o coitado do Infante. Jamais deixou de escrever, pelo menos. Eis o sonho — sonho de existir no papel, sustentado pelo onirismo literário, coexistindo com o possível e o impossível, sem barreiras, bem longe do lamentável eu-mundano que está sempre sujeito às incontroláveis variações vazias da vida em sociedade. De tudo isso, exclamaria o esperançoso: um dia vai dar certo! E com essa ideia fixa, ao comprar o peixe da traiçoeira esperança, decidiu por bem não voltar ao

trabalho naquele dia. Começou mal: as imagens poéticas não soavam bem. Comprar peixe da esperança? Dobrou à direita, seguiu pela avenida e parou em frente à Rua 24h — uma galeria extensa, construída em estrutura metálica tubular em forma de arcos, com cobertura de vidro e dois grandes relógios que não funcionam em cada entrada. Bela merda. O importante, pensou, é que logo ali, já do outro lado da rua, ficam os indigentes, os drogados. É cômico. Esse buraco, o centro, oferece muitas visões engraçadas: as praças teoricamente pacatas, verdes, fazendo jus à imagem de cidade sustentável, abrigam toda sorte de sujeitos mal-intencionados; o calçadão da Rua XV, palco tanto de brilhantes artistas independentes quanto de esquizofrênicos à deriva e colegas históricos; a histórica Boca Maldita, casa dos que hoje são considerados, em sua maioria, conservadores de ponta, arcaicos caquéticos e assim por diante. Mas como pensar sobre o todo resulta em nada, jogou a guimba no chão, pisoteou-a e sentou num dos bancos, sob a incômoda cobertura de vidro que permitia ao forte sol torturar seus já judiados neurônios, pensando estar finalmente pronto para pesar com precisão suas possibilidades de ser. Fechou os olhos.

A longo prazo, tudo é tédio. E tédio é insatisfação. Lamentável é não ter considerado que me cansaria tão cedo. Estou entediado. Mais do mesmo, sempre. Queria ao menos ter o prazer de lutar por uma bandeira, fazer parte

de um pequeno exército que conquistou seu espaço ou coisa que o valha. Não consigo me importar. Que a vida de nada vale descobrimos com a mesma velocidade com a qual abrimos uma cerveja, mas o problema está em abraçar isso. Acho que foi o que fiz. Já tive meu grande amor, acho. Meu círculo social é mínimo e insatisfatório. As três vezes que vomitei sangue me dizem que já bebi além da conta. Meu moquifo patético de dois cômodos me dá náuseas. Tusso demais todos os dias. Minha vista é ruim. Fui uma criança muito doente. Ainda na barriga, o cordão umbilical tinha dado três voltas em meu pescoço. Perdi contato com os familiares e nem tenho vontade de recobrar. Sei que estar aqui é um erro, mas em delírios zen gosto de me imaginar sozinho, sóbrio e satisfeito. Falho. Falhar é regra. Beckett ensinou, Brecht ensinou. Difícil é aprender. Falhar melhor, seguir falhando, a próxima falha, etc. E nada diz respeito à cartilha social, nada é sobre seguir as regras impostas ou velar pelos costumes vigentes, mas ao quão insatisfeito estou — quer dizer, por bem, faça o que te cabe. Nada mais me cabe. E não há escapatória, infelizmente. Não que eu tenha experimentado muitas das variedades do mundo, como viagens ou expansões do gênero, mas já me sinto acabado. Não há fagulha. Percebo que são momentos e nada mais. Só ameaças. Parece meio impossível, hoje, aceitar essa condição. Me sinto profundamente estúpido ao pensar que isso vale pra qualquer um. Talvez seja a intensidade.

Se não consigo aceitar tamanha mediocridade, é por ser muito intenso, muito fraco ou muito burro? A última opção é a correta, claro, mas qual o mérito de suportar uma existência sem sentido, com todas as suas conquistas e prazeres que nada significam? Sei, também, que me elevo na pena de mim mesmo, não mais na pena da escrita — esse tempo já passou, merda! Tudo não passa de masturbação — mental, manual. Eu é que não vou sair por aí poluindo inocentes folhas brancas com esse tipo de lixo. O que resta é aguentar. Aguentar e alimentar uma esperança infundada de que um dia me sentirei satisfeito ante o absurdo de ser, estar, querer sem motivo. Além da exaustão, nada mais me vem à mente. A culpa é minha, sei. Estou sozinho. Estamos sozinhos nessa. Cada ser é uma ilha, óbvio, e cada qual, óbvio, com seus problemas e soluções. O que não vale é a moral falha que rege esse todo, porque se eu for seguir o monte de baboseira que me foi proposta pra acabar aí, aí nesse buraco, eu quero mais é distância. Quero mais é continuar atolado nessa areia movediça, pois quando sair será para revolucionar. Quero e não consigo, então estupidamente soffro. Ou melhor: soffria. A partir de hoje, será assim: falhar melhor, cada vez melhor, até a última falhada. Perfeito. Nem um pingo de originalidade. Perfeito. Vou arriscar ver o lado bom das coisas. Os novos ônibus da cidade, por exemplo, com cinco portas e de um azul resplandecente — tão bonitos! Acho que não custa nada experimentar o impacto. ■

Desbunde poético

Fenômeno da década de 1970, a geração mimeógrafo reuniu jovens poetas que produziram à margem do sistema editorial brasileiro e deixaram como legado uma maneira mais livre, leve e solta de escrever, agir artisticamente e viver

MARCIO RENATO DOS SANTOS

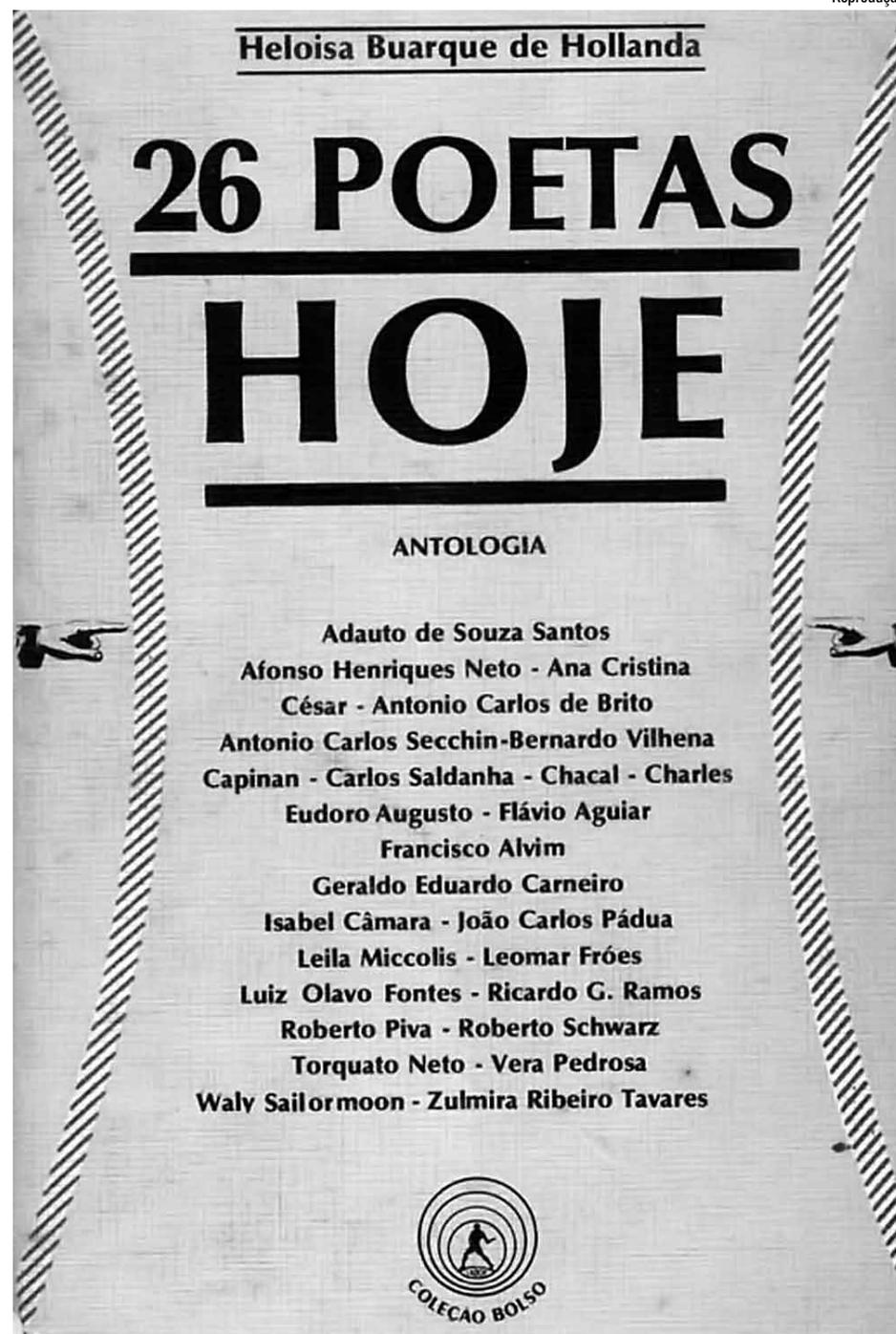
Aos 64 anos, Ricardo Chacal segue escrevendo, publicando e declamando poemas. Ele é um dos mais significativos representantes da geração mimeógrafo ou poesia marginal, movimento que chacoalhou a cultura brasileira durante a década de 1970. O autor, no entanto, não gosta dos rótulos. “Geração mimeógrafo’ é um termo pouco preciso assim como ‘poesia marginal’. Algumas pessoas usaram aquele meio de impressão popular e barato para imprimir seus poemas. Mas o poeta Zuca Sardana já publicava em mimeógrafo desde os anos 1960, com excelentes poemas ilustrados por ele mesmo na Europa, onde seguia carreira diplomática”, diz.

O poeta afirma que, para pensar naquele período, é importante levar em conta que havia a censura do governo militar. “É também a impossibilidade de conseguir editoras, comprometidas, como sempre estão, com uma visão defasada de mundo.” Chacal analisa que as tecnologias, mesmo

precárias, estavam a favor daqueles jovens inquietos e libertários que sentiam necessidade de não permanecer em silêncio: “Comum à maioria dos poetas que usaram o mimeógrafo, foi falar desse mundo pop da cultura de massa que começava a se instalar no Brasil e no mundo, por meio de uma linguagem coloquial, cheia de gírias e palavrões. A última flor do lácio, inculta e bela, ganhava as páginas alcoolizadas dos mimeógrafos.”

Em 2015, Chacal ainda não contabiliza totalmente o legado da geração mimeógrafo, mas desconfia que a recuperação do corpo e da fala do poema estão entre as conquistas deflagradas, por ele e outros *outsiders*, há quase meio século. “O poema é um meteoro sonoro. Sem a fala, ele se perde sufocado.” Mas, completa o artista, o advento da poesia marginal está longe de ser assimilado e compreendido. “Uma das coisas que mais me incomodam é quando dizem que não temos um diálogo com

Reprodução



A antologia *26 poetas hoje* (1976), organizada por Heloisa Buarque de Hollanda, reuniu em livro a geração mimeógrafo.

“A geração marginal esteve visceralmente ligada ao contexto histórico, acima de tudo a ditadura e o flower power.”

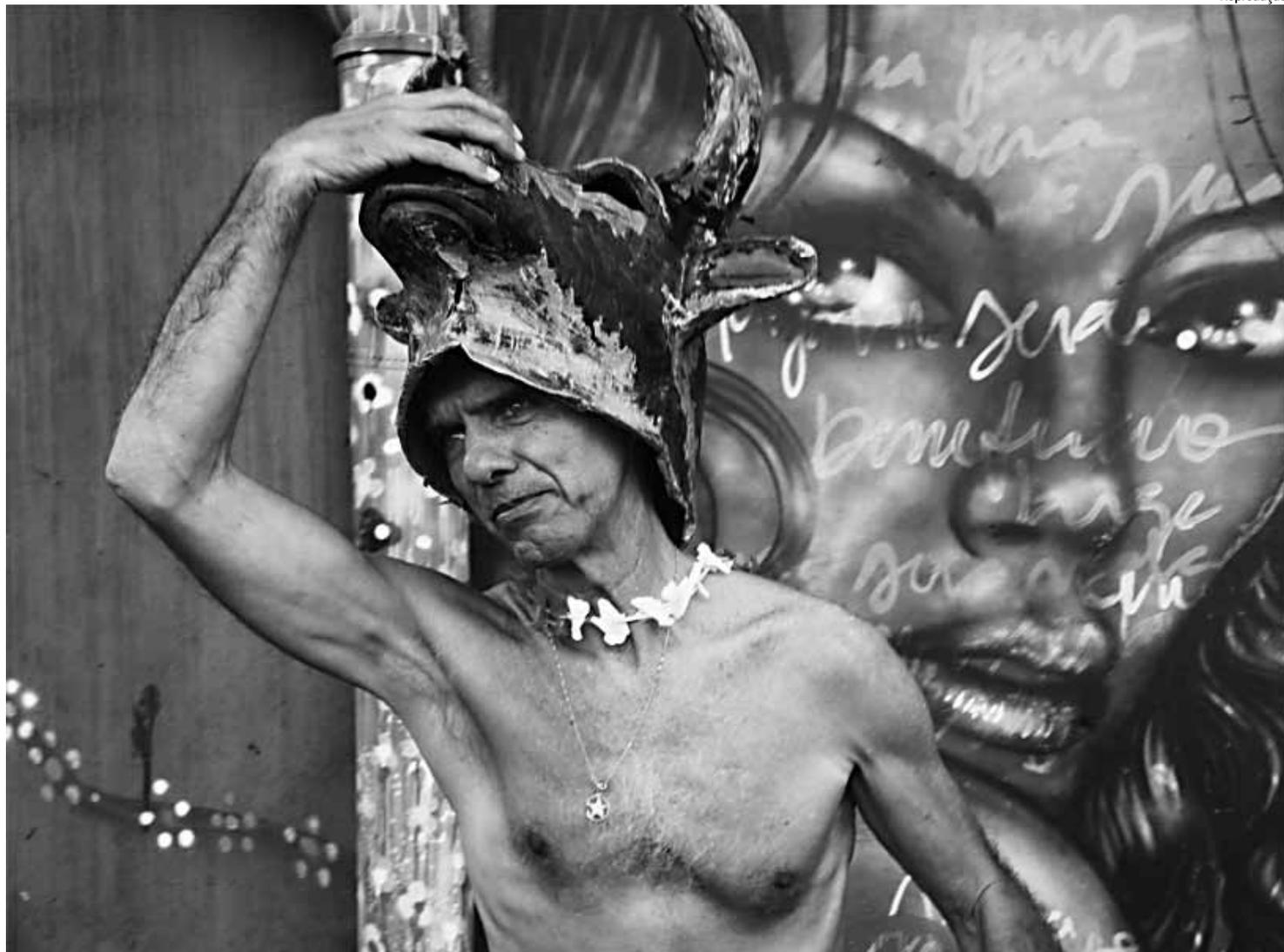
Paulo Henriques Britto, poeta e professor da PUC-Rio.

a tradição — como se só o cânone clássico fosse digno de diálogo.”

A “conversa” de Chacal e de seus pares se dava, como ele mesmo diz, com outros “gigantes”, que bebiam e versavam à margem dos festins acadêmicos: de Oswald de Andrade a Rimbaud, de Noel Rosa a Jimi Hendrix, de Bashô a Walt Whitman, de Lautréamont a Allen Ginsberg, de Maiakovski a Caetano Veloso, de Bob Dylan a Chico Buarque, de Torquato Neto a Waly Salomão. “Vamos re-inseminar Homero na fala dos nossos versos. A ‘geração mimeógrafo’ se dá no auge da contracultura. Queríamos novas falas para representar um novo mundo. E a Academia [universidade], zelosa do cânone, conservadora por natureza, não aceitava isso”, reflete Chacal.

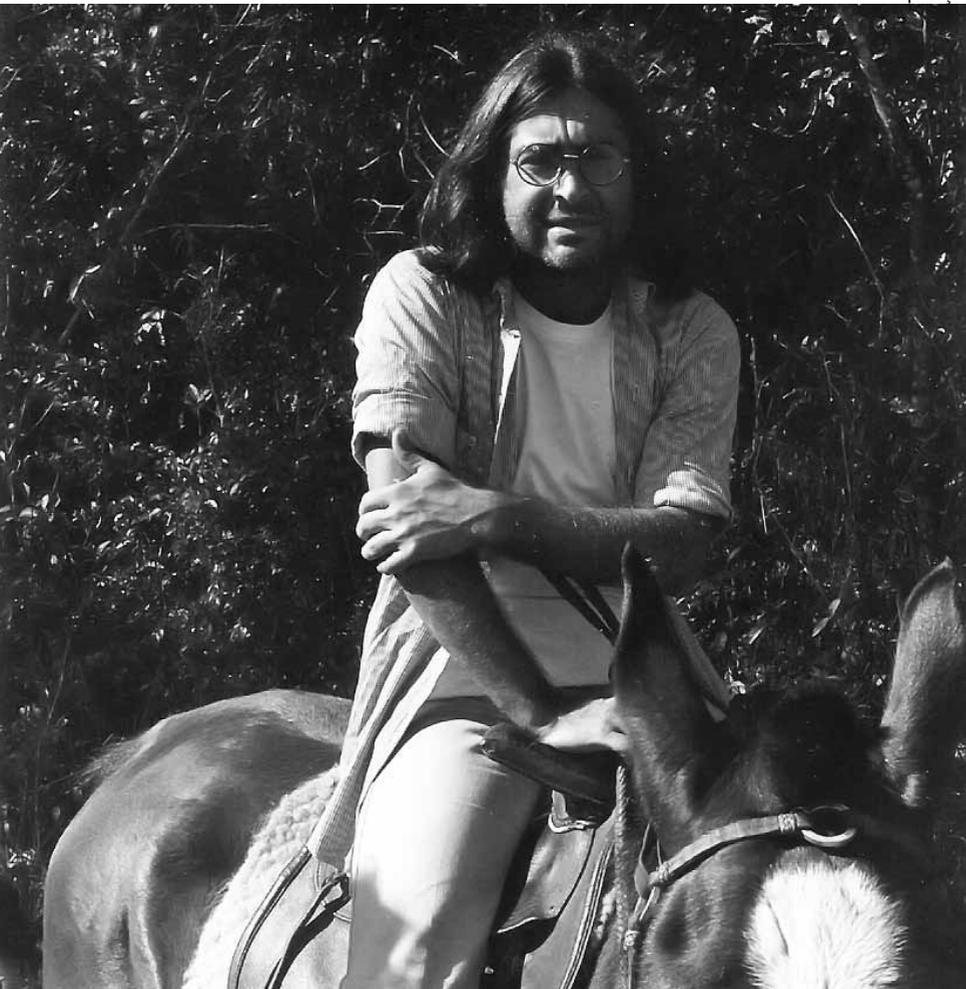
Um longo “poemão”

A professora da Universidade Federal de Lavras (UFLA) Débora Racy Soares explica a geração mimeógrafo a partir de uma declaração de um de seus integrantes, Antônio Carlos de Brito, mais conhecido por Casaco, para quem a geração marginal pode ser entendida como um esforço



Chacal diz ter escrito “muitos” poemas e espera que a sua poesia esteja “na boca e no coração das pessoas”.

Reprodução



Antônio Carlos de Brito, o Cacaso, dizia que os poetas da geração marginal estavam escrevendo um grande "poemão".

coletivo de resistência. “É como se os poetas estivessem escrevendo um grande ‘poemão’, a mil mãos, numa tentativa de ‘não se deixar paralisar pelos esquemas paralisantes’”, comenta Débora, autora de dissertação de mestrado e tese de doutorado sobre a produção de Cacaso.

A ideia de coletivo, da geração mimeógrafo, também diz respeito à maneira da circulação, uma espécie de compartilhamento, dos poemas. “Eles começaram a divulgar os seus trabalhos em textos mimeografados, distribuídos em bares, cinemas, teatros etc”, lembra o poeta, tradutor e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

(PUC-Rio) Paulo Henriques Britto.

À margem das editoras, do “sistema”, incluindo o meio literário, apenas em 1976 aqueles autores alternativos seriam reunidos em uma edição comercial, *26 poetas hoje*, antologia organizada por Heloisa Buarque de Hollanda. Publicada pela extinta editora Labor, a obra reuniu textos, entre outros, de Francisco Alvim, Chacal, Bernardo Vilhena, Geraldo Eduardo Carneiro, Ana Cristina Cesar, Torquato Neto, José Carlos Capinan e até mesmo de Roberto Schwarz que, posteriormente, se tornou, e atualmente é, um dos mais respeitados críticos da literatura brasileira.

“Comum à maioria dos poetas que usaram o mimeógrafo, foi falar desse mundo pop da cultura de massa que começava a se instalar no Brasil e no mundo, por meio de uma linguagem coloquial, cheia de gírias e palavrões. A última flor do lácio, inculta e bela, ganhava as páginas alcoolizadas dos mimeógrafos.”

Chacal, poeta.

“De algum modo, em voo solo, Heloísa fez o que a *Granta* faz: apontar a geração que vai se destacar no panorama literário dos próximos anos. Há um ensaio de apresentação, da própria organizadora, que é um texto de referência importante para consolidar o movimento, apontar suas tendências, reconhecer os méritos e diferenças”, diz o professor da Universidade de Brasília (UnB) Paulo Paniago.

Paulo Henriques Britto observa que a poesia da geração mimeógrafo foi uma reação às formas de poesia mais praticadas na época: de um lado, o cerebralismo da poesia vanguardista, dividida

entre concretismo, poesia práxis e outros movimentos menos expressivos. Paulo Paniago acrescenta que aquela geração trouxe como aporte o humor à poesia, geralmente tão solene e respeitosa em relação à língua: “Houve incursões anteriormente, sim, entre os modernistas, mas me parece que o humor decorrente do coloquialismo exacerbado é uma aplicação bem específica da geração mimeógrafo.”

Nas metrópoles

A agitação marginal e poética da década de 1970 aconteceu em grandes cidades, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo, mas também há

Reprodução



Nicolas Behr vive em Brasília desde 1974, onde, desde 1977, publica em livros poemas, muitos dos quais sobre a capital federal.

ocorrências no Nordeste e em Brasília. No caso da capital federal, Paulo Paniago destaca a presença de dois poetas: Nicolas Behr e Francisco Alvim. “Nicolas Behr se fixou como um dos mais importantes poetas da cidade, justamente por conta de seu tema ser os conflitos de um jovem com essa urbe tão peculiar que é Brasília”, diz o professor da UnB.

Já Francisco Alvim, apesar de ser diplomata e ter vivido em muitos países, escolheu fixar-se em Brasília agora que está aposentado e a poesia dele é algo que Paniago gostaria de reivindicar como brasileiro — embora transcenda

a relação tão particular que Behr estabeleceu com a cidade e é, no caso de Alvim, uma poesia universal em termos de aspiração.

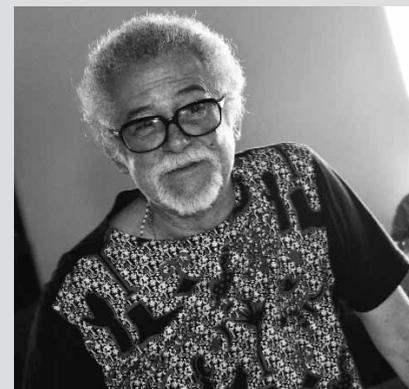
“Vários dos conflitos de classe, que a poesia de Alvim estabelece, supõem que tenham vindo de observações feitas na capital federal, apesar de serem os velhos conflitos nacionais. A linguagem elíptica do poeta se aproxima muito ao horizonte da capital, na forma mais abstrata — e juntar a abstração das formas concretas da arquitetura de Oscar Niemeyer com a abstração da linguagem de Chico Alvim é uma tentação quase irresistível”, argumenta Paniago.

FLERTE COM A CANÇÃO

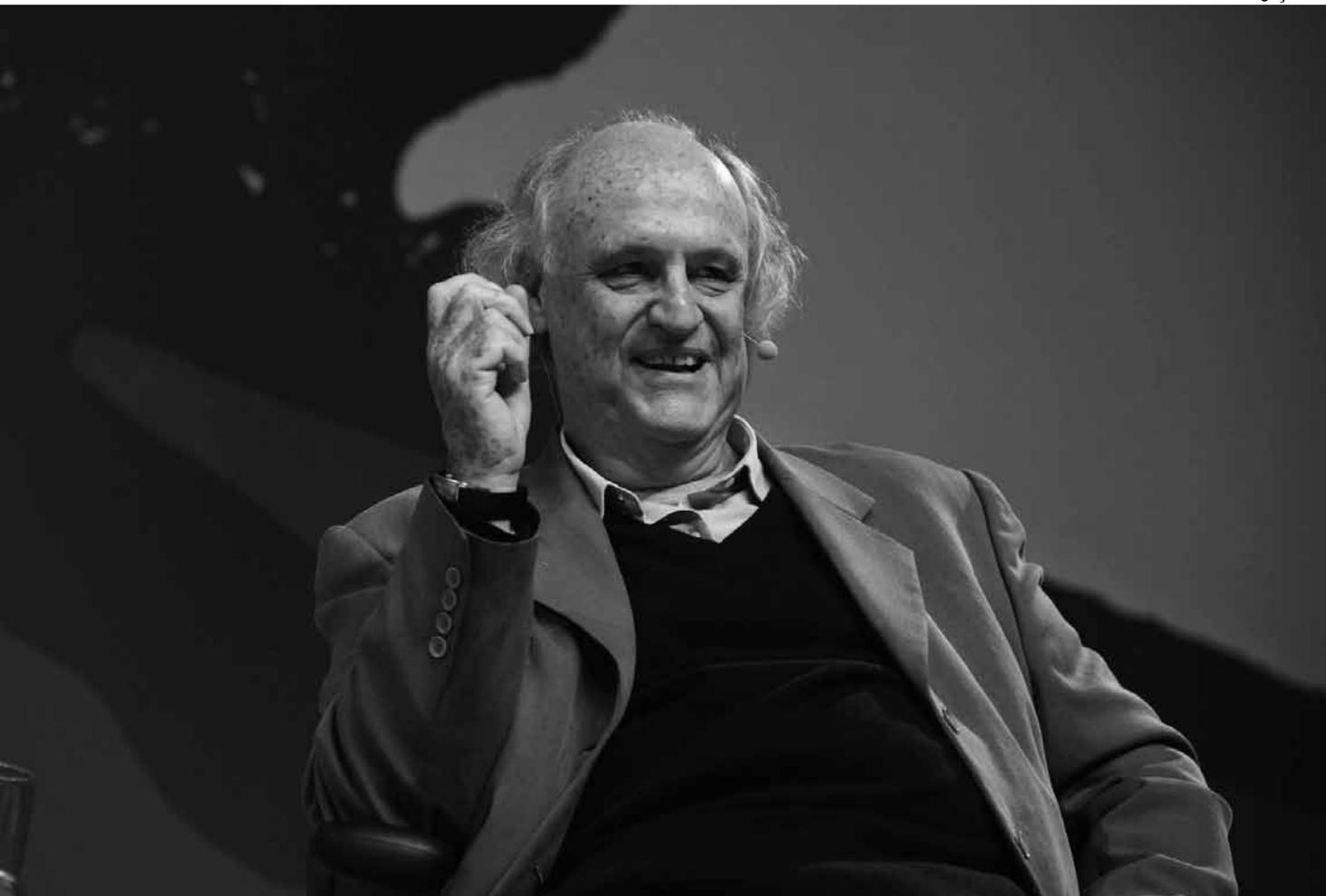
A geração mimeógrafo foi formada, principalmente, por poetas que, além da poesia, também transitaram pela música, no caso, por meio da canção popular. José Carlos Capinam [foto] compôs, em parceria com Gilberto Gil e Torquato Neto, “Soy loco por ti, América!” — um clássico da Música Popular Brasileira. Waly Salomão é autor de canções presentes no imaginário da cultura brasileira, entre as quais “Vapor barato” — esta em parceria com Jards Macalé —, gravada, entre outros, por Gal Costa e O Rappa.

O poeta Diego Petrarca afirma que, durante a efervescência da geração mimeógrafo, havia uma necessidade de adequar a linguagem a meios de comunicação não necessariamente consagrados como o livro — a ideia era, também, obter um vínculo com suportes de veiculação de massa. “A poesia migou (já havia migrado) para a canção, para a comunicação, para o embate com o público”, diz.

Paulo Paniago, professor na UnB, acrescenta que, além da música, aquela geração também dialogou, num caso específico, com a ilustração: “Os poemas de Zuca Sardana ilustrados pelo próprio autor ganham nova leitura se lidos levando-se em conta essa característica [a imagem].”



Walter Craveiro/Divulgação Flip

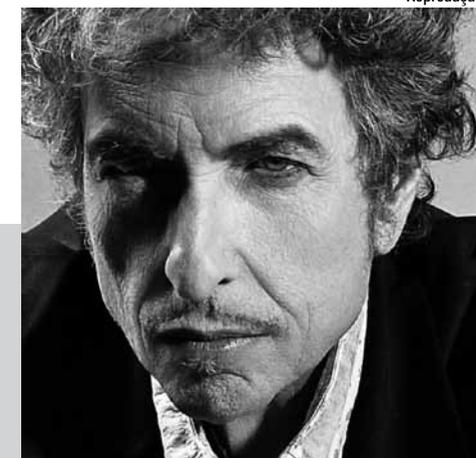


Francisco Alvim é, na opinião de Paulo Paniago, da UnB, autor de uma poesia brasileira.

O estudioso da UnB não tem certeza se Alvim é um dos poetas mais importantes da geração mimeógrafo, “até porque ele é dado a desimportâncias e não parece ligar muito para cânones”, mas, acrescenta Paniago, o autor é um dos mais interessantes, principalmente quando consegue sintetizar na escolha de frases cotidianas algumas das dimensões humanas mais problemáticas, aproximando a poesia de um jeito brasileiro de violência velada, de conflitos sociais mal disfarçados e de observação aguda do cotidiano.

Para exemplificar o que diz, Paniago cita alguns poemas de Alvim, entre os quais, “Arrependimento”, cujo único verso diz: “Eu não devia ter nascido”. Ou “Descartável”, também de verso único: “Vontade de me jogar fora”. “Acontecimento”, pela síntese de várias questões nacionais, é um dos preferidos do professor da UnB: “Quando estou distraído no semáforo / e me pedem esmola / me acontece agradecer”. Ele também menciona dois poemas de Alvim em que há inversão entre título e

Reprodução

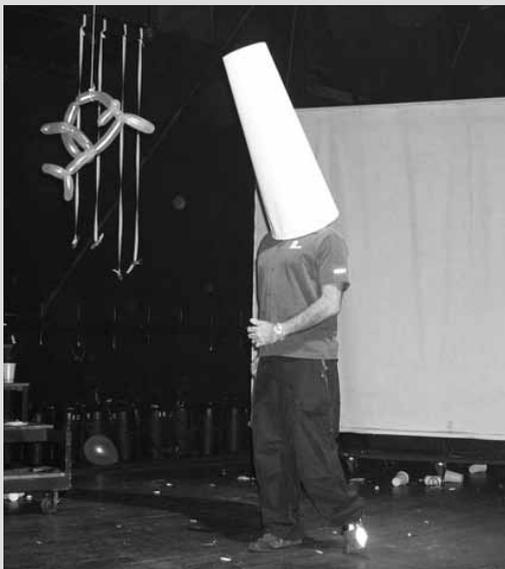


De acordo com Chacal, a geração mimeógrafo queria, e conseguiu, estabelecer diálogo, entre outros, com a obra de Jimi Hendrix, Noel Rosa, Caetano Veloso e Bob Dylan.

UM ENDEREÇO DA POESIA VIVA NO RIO

Desde 1990, um espaço carioca abre espaço para performances poéticas. É o CEP 20.000, dirigido na maior parte do tempo por Chacal, por onde passaram mais de 1 mil artistas em 25 anos – de Waly Salomão (1943-2003) a Gregorio Duvivier. Paulo Henriques Britto afirma que o “descendente” mais importante da geração mimeógrafo é o CEP 20.000. Chacal sabe da importância do espaço como legado daquela agitação que começou na década de 1970. “Pelo que tem de beat, marginal, físico, inclusivo, performático, multimídia. Isso tudo aprendi lá atrás com o rock, com o circo: a busca cega de uma expressão que enxergasse mais adiante, que se harmonizasse com o futuro do presente.”

O CEP 20.000 é realizado toda última quinta-feira de cada mês, a partir das 20h, no Espaço Cultural Sérgio Porto (R. Humaitá, 163, no bairro Humaitá, no Rio de Janeiro/ RJ).



conteúdo: “Avaliar”: “Quem sou eu / para” e “A minha pessoa”: “Só tem / Serve?”.

“É uma poesia às vezes milimétrica, mas quanta contundência!”, analisa Paniago.

A vasta rede

Se é difícil apontar um marco-zero para a geração mimeógrafo, uma vez que durante os anos 1960 já havia alguma movimentação, a professora Débora Racy Soares, da UFLA, observa que, com a abertura política, durante a década de 1980, “o movimento parece ter perdido a força.” Os textos dos marginais passaram a ser editados, e distribuídos, comercialmente. A Editora Brasiliense publicou, entre outros, *Passatempo e outros poemas* (1981), de Francisco Alvim, e *Drops de abril* (1983), de Chacal — quase 30 anos depois, a Companhia das Letras publicaria reuniões de poemas de alguns autores daquele período, como *Poesia completa* (2013), de Paulo Leminski, *Poética* (2013), de Ana Cristina Cesar, e *Poesia total* (2014), de Waly Salomão.

Em 2013, Chico Alvim, Nicolas Behr e Zuca Sardana participaram da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), Chacal é convidado para eventos literários realizados em diversos pontos do país, de modo que a geração mimeógrafo está, em alguma medida, assimilada. No entanto, quando o assunto é internet, como plataforma para difusão de textos, similar ao que acontecia com os textos mimeografados e

distribuídos pelos marginais no passado, as opiniões se dividem.

“São contextos completamente distintos! Acho muito legal toda essa produção via redes sociais, mas não dá pra comparar”, opina Débora Racy Soares. Paulo Henriques Britto analisa que são dois fenômenos muito diferentes: “A geração marginal esteve visceralmente ligada ao contexto histórico, acima de tudo a ditadura e o *flower power*. Outros tempos, outro mundo.” Dialogando com Débora e Britto, Paulo Paniago acrescenta que a mudança de suporte, agora digital, e a conseqüente maior aproximação dos autores com o público não está gerando, como era possível acontecer nos anos 1960 e 1970, a noção do que, de acordo com Paniago, era bacana: de movimento coletivo, de grupo, “a ponto de se chamar de geração”.

Já o poeta e professor de literatura Diego Petrarca avalia que as plataformas digitais confirmam que a difusão da literatura vai, de fato, além dos livros impressos. “Os suportes de publicação dos poemas do anos 1970 eram baratos, por vezes precários e estavam fora de uma atuação de mercado. A internet potencializa isso com uma riqueza de recursos e sofisticação de formatos: livros, jornais, revistas, áudio e vídeo”, comenta Petrarca. Chacal também acredita que a internet “conversa” com os procedimentos de ação da geração mimeógrafo: “Pela anarquia, urgência, horizontalidade e ausência de hierarquia. Isso tudo é o nosso sonho acordando e dizendo: bom dia, vamos à luta!” ■

Geração mim

Claudio Phidias



Em 1977, Claufe e Leonel Aguiar no lançamento do jornal *Geral*, no Rio de Janeiro. Luiz Petry, que também editava o periódico, assiste da plateia.

O poeta e jornalista Claufe Rodrigues, que nos anos 1970 participou de coletivos poéticos e publicou livros mimeografados, relembra o contexto histórico em que a poesia marginal nasceu, período de intensa efervescência cultural

A atual onda de autopublicação se assemelha em muitos aspectos ao surgimento da Geração Mimeógrafo. Mas há uma diferença crucial entre os dois momentos, além dos óbvios avanços tecnológicos que hoje permitem, a qualquer pessoa, editar por conta própria a um baixíssimo custo. Nos anos 1970, a autopublicação era um movimento: acreditava-se realmente ser possível criar e desenvolver uma rede alternativa ao sistema vigente. Quarenta anos depois, a maioria das pessoas que se autopublica tem como objetivo principal tentar provar sua viabilidade comercial para, com isso, despertar o interesse de uma grande editora.

Para entender melhor a geração mimeógrafo, é preciso voltar ao Brasil daqueles anos de chumbo e flores. No auge da ditadura militar, escrever e, ainda por cima, publicar, configurava um ato político da maior relevância, embora possamos dizer que os poetas, por atingirem apenas um público restrito, eram pouco molestados pelos censores. O mal maior da censura, a meu ver, não foi tanto limitar a liberdade de expressão, mas

dificultar o acesso à informação, principalmente a que vinha do exterior.

O modo de vida *hippie*, por exemplo, chegou ao Brasil com imenso atraso em relação ao chamado mundo livre, onde o sonho já havia se tornado pesadelo havia pelo menos cinco anos.

No início da década de 1970, eu era um adolescente cabeludo e avoado que só queria saber de música e poesia. Fazia plantão na banca de jornal do bairro esperando ansiosamente os novos números de revistas como *Flor do Mal* e *Música do Planeta Terra*. Outra fonte preciosa de informação era o programa 60 minutos de música contemporânea, de segunda a sábado, na rádio JB AM, às 15h, que trazia as novidades do rock internacional, como Procol Harum, Wishbone Ash, Focus, David Bowie, Roxy Music, T. Rex, Free, Caravan, Family, It's a Beautiful Day, Lindisfarne, Climax Blues Band, Pink Floyd, The J. Geils Band, Mahavishnu Orchestra e Mike Oldfield entre tantos outros. O programa também reproduzia gravações ao vivo, feitas pela BBC de Londres, e ainda abria espaço para ótimos

“Muita gente pensa hoje que a chamada Geração Mimeógrafo foi um fenômeno restrito à zona sul do Rio. É um rematado equivocado.”

grupos do underground nacional, como Modulo 1000, Karma, Vímana, Veludo, O Terço e A Bolha. Eu interrompia qualquer coisa que estivesse fazendo — até mesmo jogar bola — para chegar a tempo de ouvir e gravar em fitas cassette as músicas de meu programa favorito.

Naquela época, nos subúrbios cariocas, eram comuns os bailes de sábado à noite, animados por bandas covers ou DJs que, armados com gigantescas caixas de som, tocavam as músicas de sucesso. O funk e a black music dominavam o repertório. Meus amigos botavam a beca da época — sapato cavalo de aço, camisa toureiro, calça boca sino —, desfiavam os cabelos crespos com um pente de ferro e saíam em grupos para exibir, nos clubes da região, os passos de dança que haviam copiado de James Brown e do Jackson Five durante a semana. Eu até gostava de algumas músicas, como Sex Machine, mas me sentia tremendamente entediado naqueles ambientes. Preferia ficar em casa rabiscando versos que jogava fora na manhã seguinte ou tentando tocar de ouvido, no violão, as canções das minhas bandas favoritas.

A MPB experimental tinha um público fiel que lotava qualquer espetáculo, menos no subúrbio, onde raramente se apresentavam. Uma vez, os Novos Baianos foram tocar num cinema de Olaria. Apesar do sucesso de Preta Pretinha e Besta é tu, o show foi um fracasso. Tinha mais gente no palco do que na plateia — e a maioria do público era composta pelo meu pequeno

grupo de amigos. Morando num bairro pra lá da Penha, quase sempre sem dinheiro sequer para pagar as passagens de ônibus, mesmo assim nós quatro íamos várias vezes por semana à zona sul para acompanhar o efervescente movimento cultural da época.

Perdi a conta de quantas vezes pulei roletas, corri de porteiros ou entrei pela janela dos fundos de locais como o MAM e o João Caetano para ver apresentações memoráveis de Caetano, Gil, Melodia, Macalé, Mautner, Sérgio Sampaio, Raul Seixas, Milton Nascimento e o Clube da Esquina, Zé Raulino, Vital Farias e o pessoal da Paraíba, Alceu Valença e os pernambucanos, Fagner, Belchior, Ednardo e o pessoal do Ceará, paulistas, gaúchos, paraenses, paranaenses, maranhenses... Antes dos shows, havia sempre algum poeta “marginal” oferecendo seu livrinho mimeografado ao público, e foi assim que passei também a frequentar os lances de poesia da minha cidade.

Muita gente pensa hoje que a chamada Geração Mimeógrafo foi um fenômeno restrito à zona sul do Rio. É um rematado equivocado. Além de nomes como Glauco Matoso, de São Paulo, Nicholas Behr, de Brasília, e Paulo Leminski, de Curitiba, vários grupos se formavam por todo o país para organizar coletâneas, editar revistas literárias e dizer poesia. Poetas andarilhos estavam sempre de passagem pela cidade, trazendo seus livrinhos debaixo do braço para vender de mão em mão



Feito em uma máquina de mimeógrafo, o primeiro livro de poesia de Clauze Rodrigues, *Uma onda engole a outra*, foi publicado em 1979.

ou para trocar com seus colegas de outras regiões. O contato prosseguia posteriormente através de cartas e telegramas, com o envio de livros, resenhas e matérias de jornais.

O Rio vivia a febre dos coletivos de poesia. A Nuvem Cigana se destacava por seus happenings, que tinham a participação de músicos e atrizes, e pela qualidade dos livros e revistas que produzia, graças aos fotógrafos e artistas gráficos que turbinavam o grupo. Também merecem registro duas outras publicações, as coletâneas *Ebulição da Escrivatura* e *Folha de Rosto*, que revelaram, respectivamente, os poetas Salgado Maranhão e Aduato de Souza Santos. (Outro equívoco é achar que tudo era feito em mimeógrafo; muitas dessas publicações, mesmo sendo independentes e até artesanais, rodavam em tipografias).

Em 1976, imerso até a alma nesse caldo cultural, me juntei a dois amigos da Escola Técnica Federal Celso Suckow da Fonseca, onde cursava Eletrotécnica, e fizemos um jornalzinho de poesia chamado *Geral*. Como a instituição, dirigida por militares, não admitia qualquer transgressão à rígida disciplina escolar, eu, Luiz Petry e Leonel Aguiar assinamos os textos com pseudônimos, para evitar o risco de sermos expulsos da escola ou mesmo presos, acusados de subversão.

O lançamento do *Geral*, em maio de 1977, na CUP, em Jacarepaguá, marcou a minha primeira leitura em público. Apesar de extremamente tímido, gostei tanto da experiência que, dois anos depois publiquei meu primeiro livro, *Uma onda engole a outra*. Para tanto, recorri ao mimeógrafo a álcool de um cursinho pré-técnico usado pelos professores para imprimir apostilas.

Decidi lançar *Uma onda engole a outra* na Casa do Estudante Universitário, no bairro do Flamengo, onde se



Formado por Pedro Bial, Luiz Petry e Claufe Rodrigues, o grupo Os Camaleões se apresenta no Festival dos Festivais, da TV Globo, em 1985.

reuniam artistas underground vindos do país inteiro. Com a ajuda de amigos, quase toda a tiragem de mil exemplares foi vendida em apenas três meses (cada exemplar custava o equivalente a cinco reais). Embalado pela boa aceitação do livro, me senti pronto a procurar minha turma. Eu já organizava eventos de poesia na UFF, em Niterói, onde começara o curso de jornalismo, e conhecia outros poetas que estavam na mesma onda, como Tavinho Paes, Leila Miccolis, Xico Chaves, Brasil Barreto, Paco Cac, Samaral e o pessoal da *Revista Gandaia* (Rubens Figueiredo, Antonio Fernando Borges e César Cardoso).

E foi assim que, naquele mesmo ano de 1979, me juntei aos Bandidos do Ceu. Formado por frequentadores da Casa do Estudante Universitário, o grupo se perdia em longas discussões, verdadeiras assembleias, para decidir que rumo tomar. Depois de meses de debates, resolvemos publicar um pôster, com um poema de cada integrante. Enquanto isso, ensaiávamos no teatro da CEU e participávamos de recitais pela cidade. Um deles, em Santa Teresa, marcava o lançamento de *Inventário de Cicatrizes*, de Alex Polaris, um dos exilados políticos que retornavam ao país graças à Lei da Anistia.

Naquela noite, enquanto eu dizia

um poema — bem curto, pois éramos dezessete poetas num só grupo! — aconteceu algo inusitado: uma bela mulher se ajoelhou aos meus pés e os beijou. Só depois a reconheci: era a garota que eu vira na semana anterior, na casa de Ronaldo Santos, poeta da Nuvem, ao lado de uma colega, ambas de peitinho de fora, experimentando figurinos na maior naturalidade. Acabei dormindo na casa dela.

Por ser um condomínio de interesses conflitantes, assim que o pôster ficou pronto o Bandidos do Ceu implodiu. Do grupo faziam parte poetas que até hoje atuam na cidade: Cairo Trindade, Tanussi Cardoso e Mano Melo.

Com o fim do Bandidos do Ceu, eu, Tanussi e Mano criamos o Bazar dos Baratos, que tinha sete integrantes. A gente se apresentava no Teatro Tapume, em Botafogo, dividindo o palco com as baratas que circulavam sem a menor cerimônia pelo local. Com o grupo, fiz minha primeira viagem a São Paulo, num show que atraiu, para nossa surpresa, mais de duzentas pessoas. Lá, conhecemos alguns próceres do movimento de poesia local, como Ulisses Tavares, Aristides Klafke e o grupo Sanguinovo, de Touchê e Reça Poletti. O Bazar acabou em menos de um ano — também por divergências internas — sem ter publicado nada. Mas a aventura poética não podia parar, e logo criamos um novo grupo, o Madame Suzi, desta vez com cinco integrantes (eu, Eugênia Loretti, Luiz Petry, Renato Lacerda e Tito Montenegro), o que facilitava o entrosamento entre a gente.

A década seguinte chegava, anunciando os estertores da ditadura militar e o início de um novo momento cultural no Brasil. Entre 1980 e 1981, o Madame Suzi fez antológicas apresentações, principalmente no Circo Voador, na Lapa, onde abrimos shows de Moreira da Silva, Dona Ivone Lara e Angela RoRo, entre outros, para milhares de pessoas. Misturávamos poesia, teatro e música em esquetes que duravam no máximo cinco minutos. Um dia, convidados por Maria Juçá e Fernando Libardi, produtores do Circo Voador, a participar de um festival de rock em Juiz de Fora — que tinha atrações como Erasmo Carlos e Raul Seixas — montamos uma banda de apoio e lá fomos nós... Ao final do show, comecei a questionar o que estávamos fazendo: já não era poesia, nem música, nem teatro, nem nada. No retorno ao Rio, avisei ao

grupo a decisão de sair e só voltar quando sentisse novamente o prazer e a alegria das apresentações em público.

Restavam então poucos grupos na cidade. Os poetas começavam a deixar os versos de lado para tentar ganhar dinheiro. A geração mimeógrafo cumprira seu papel, e não tinha mais nada a dizer. Com o afrouxamento da censura e da repressão, era hora de reciclar o discurso, criar uma linguagem adequada aos novos tempos.

“Nos anos 1970, a autopublicação era um movimento: acreditava-se realmente ser possível criar e desenvolver uma rede alternativa ao sistema vigente.”

Por outro lado, depois de um período de grande inventividade, a MPB caíra na mesmice, tornara-se chata e repetitiva, o que aumentava ainda mais o meu desgosto.

Passei os dois anos seguintes recolhido, escrevendo e lendo sem parar. Nesse período, duas coisas totalmente distintas me apontaram os caminhos a seguir na poesia. Até então, como grande parte dos chamados poetas marginais, eu seguira cegamente a cartilha *ready made* de Oswald de Andrade, me obrigando a escrever poemas-piada, o que pouco tinha a ver com a minha natureza introspectiva.

Ao conhecer a obra de Jorge de Lima, tudo mudou. Aprendi, com o grande poeta alagoano, o valor da transcendência e da metafísica. Foi um renascimento: a descoberta fez meu livrinho de estreia, *Uma onda engole a outra*, parecer brincadeira de criança. Guardei a sete chaves os últimos exemplares que me restavam e, desde então, sempre que posso, tiro de circulação os que estão dando bobeira nos sebos.

Como foi dito nas primeiras linhas deste artigo, enquanto os hippies já estavam decadentes na Europa e nos Estados Unidos, no Brasil ainda vivíamos a fase do desbunde. Na segunda metade da década, o punk rock começava a ser substituído lá fora pela new wave, mas aqui a rapaziada continuava cabeluda, barbuda e odara. Quando superaríamos tamanha defasagem cultural? A resposta veio com um amigo paulista, o poeta e crítico de rock Fernando Naporano, com quem tinha grandes afinidades musicais. Ele retornava de uma longa estadia em Londres, trazendo centenas de discos de bandas como Blondie, Talking Heads, Joy Division e Gang of Four. A new wave era a antítese do punk, com suas roupas pretas de tachinha, seus cabelos espetados, suas músicas de três acordes repletas de raiva, niilismo e desesperança. A nova onda abarcava diversas experiências sonoras e uma nova maneira de se vestir e de atuar politicamente, não mais à margem, mas de dentro do sistema. Daí os ternos extravagantes e bem cortados, as gravatas de cetim, os cabelos descoloridos.

A cultura jovem brasileira começava finalmente a tirar o atraso, assumindo simultaneamente, com todas as distorções inerentes ao processo, tanto o punk quanto a new wave.

Para mim, parecia claro: em meados da década de 70, mesmo alienados em relação ao que acontecia nos centros mais desenvolvidos, os cabeludos poetas marginais representaram entre nós a essência punk, não só pelo lema comum, “faça você mesmo”, ou por se situar à margem do sistema, como também pela rejeição ao passado e à tradição, como se fosse possível recomeçar tudo do zero, reiniciando a própria poesia. Esta atitude restritiva, que em última análise limitava a evolução artística, foi o que, a meu ver, decretou o fim dos dois movimentos, lá fora como aqui, por puro esgotamento estético.

Naqueles últimos anos da ditadura militar, a poesia pouco deu as caras no Brasil. Eu aproveitava a resaca para reciclar a escrita, as ideias, o corte de cabelo, o modo de me vestir. E quando, a partir de junho de 1984, os recitais dos Camaleões (formado por Luiz Petry, Pedro Bial e este que vos escreve) começaram a atrair um surpreendente e improvável público, ávido por versos, os poetas voltaram aos palcos, inaugurando um novo ciclo na poesia performática brasileira. Mas esta já é outra história, ainda menos entendida e estudada entre nós do que a Geração Mimeógrafo. ■

 **Claufe Rodrigues** é poeta, jornalista, compositor e produtor cultural. Tem onze livros publicados. Também atua como repórter do programa Globo News Literatura. Em 2014 lançou o romance *Cachorras*. Vive no Rio de Janeiro (RJ).

Eu por mim mesmo

Aos 65 anos e com mais de quatro décadas de vida literária, o poeta Thadeu Wojciechowski revisita sua trajetória na literatura curitibana, marcada pelas parcerias com músicos, artistas gráficos e escritores

Divulgação



“Com o tempo, meu tosco comunismo foi dando vez ao meu estilo espesso e focado exclusivamente na arte e na invenção da vida.”

Nunca consegui fazer uma divisão entre minha pessoa e o poeta que se manifestou nos primeiros anos da minha vida. Hoje, com quase 65 anos, percebo claramente que a poesia é algo inseparável do meu ser. Tudo que fiz, li, estudei, escrevi, traduzi, compus, conversei, dei aula ou palestrei, está diretamente ligado a esta arte. Dos primeiros poemas, aos seis anos, até os atuais, 59 anos depois, a sensação ainda é a mesma: emoção à flor da pele, pelo encantamento criado pela sonoridade e cadência dos versos. Sou um perfeccionista, um artesão da palavra, que não mede esforços para conseguir alcançar algo mais na beleza, ou graça, ou inovação, ou diversão naquilo que escrevo.

Nada neste mundo me comove mais do que a poesia e a música. É para elas que dediquei a minha vida inteira. Depois de alguma confusão provocada pelo golpe de 1964, quando pus meus poemas a serviço do combate ao golpe, fui, aos poucos, encontrando meu próprio caminho, minha própria forma de expressão. Os primeiros poemas, ternos, pueris e líricos, tinham sido substituídos por poemas amargos, palavrosos, pareciam palavras de ordem, e não,

poesia. Com o tempo, meu tosco comunismo foi dando vez ao meu estilo espesso e focado exclusivamente na arte e na invenção da vida.

A história se repete como Barsa

Tudo começou a mudar quando, em 1978, junto com Leopoldo Scherner, organizamos um recital na PUC, intitulado Sala 17, com a participação de vários poetas. O sucesso foi tanto que me fez ver uma nova realidade. Na verdade, foi um grande incentivo para que iniciássemos uma nova fase na literatura curitibana. Tomei o controle e iniciei o Movimento Sala 17, que culminaria com a publicação de três antologias: *Sala 17*, *Reis magros* e *Sangra: cio*. Além de mim e do professor Sherner, Marcos Prado, Roberto Prado, Tatara, Roberto Bittencourt, Hamilton Faria, Paulo Leminski, Paulo Venturelli, Solda, Rettamozo, Eduardo Cabral, entre outros, assinavam a autoria. O lançamento da antologia *Sala 17*, na Casa Romário Martins, foi colossal, épico, com a presença de milhares de pessoas, no Largo da Ordem. E foi o elo para a vinda de dezenas de artistas para o nosso convívio. Músicos da grandeza de um Cabelo,

falecido recentemente, Walmor Goes, o Frank, Rodrigo Barros Homem Del Rey, Luiz Antonio Ferreira, foram trazendo novas possibilidades para a arte que fazíamos. Centenas de canções nasceram à luz da bazófia, do chiste e da pilhéria, assim como do lirismo e da emoção. Sérgio Viralobos foi um dos que radicalizaram na desconstrução do discurso vigente, criando uma poesia em que a musicalidade ganhou contornos genuinamente curitibanos.

Edilson Del Grossi, Edson de Vulcanis e Márcio Goedert foram também reforços importantes naquele período. Foi a época da loucura total. Minha amizade com Marcos Prado e toda essa turma criou um elo com a nova geração e dele nasceram bandas, movimentos, estéticas, que moldaram o atual rosto da cidade. Líamos, víamos e ouvíamos tudo que pintasse pela frente. Nada foi deixado de lado, de Noel a Issa, de Hendrix a Kliebnikov, de Mozart a Catulo da Paixão Cearense, do romantismo ao Tao, de Chico a Dante Alighieri. Traduzimos dezenas de livros e poetas, escrevemos outro tanto. As músicas pululavam à nossa volta. Livros às pencas nas formas mais



diversificadas, tipo cordel, xerox, mimeógrafo, os feitos para eventos em bares. E os mais bem cuidados, com parceria de artistas gráficos, e impressos nas melhores gráficas. Miran, Solda, Ubiratan Gonçalves de Oliveira, Roberto Jubainski, Alessandro Wojciechowski e Alessandro Ruepel (o Magoo) foram alguns artistas que foram parceiros.

Com o show POR UM NOVO INCÊNDIO ROMÂNTICO, da Contrabanda, Curitiba se lançava na modernidade e na vanguarda. Tudo mudou para melhor. Na sequência, viriam o Beijo AA Força, Os Adoráveis Cantores Românticos Incuráveis, Maxi-xe Machine, entre dezenas de outras bandas. O Bar do Lino virou o point, onde se encontravam o melhor e o pior da cidade.

As letras/poemas ganharam força, precisão, humor, contestação, a estética punk se impôs e fez história. O Leminski, após *Catatau*, ganhava o Brasil com uma poesia cheia de graça e estilo. Marcos Prado e Sergio Viralobos se transformariam nos letristas favoritos da nova geração e eram cantados pelos quatro cantos da cidade. Eu e Roberto Prado trabalhávamos juntos e participávamos de quase todos os projetos, com letras,

poemas, matérias, artigos. O livro *OSS* foi o marco de toda essa nova estética. Meio marginal, meio filosófica, meio TUDO AO MESMO TEMPO AGORA JÁ NESTE MOMENTO INCLUSIVE ANTES E DEPOIS.

Canções assombraram as madrugadas

Com a morte do Leminski e, alguns anos depois, do Marcos Prado, um vazio se formou, mas tinha um BAR DO MEIO no meio do caminho. E foi lá que a tristeza nos deu grandes alegrias. Eu, Edilson Del Grossi, Edson de Vulcanis e o Magoo matamos a saudade a talagadas incontáveis, inomináveis. Canções, quase gritadas, assombraram as madrugadas e a escandalizada população leite quente.

Além dos livros em parceria, como o *Tao*, os *Catalépticos*, *O amor é Lino*, *O carinho da violência*, *Comes, bebês e fumacês*, entre outros, lancei três dezenas de livros, com destaque para o livro de poemas *Meteoro*, o romance *Assim até eu*, o livro de humor *Koan do como onde*, a novela *Os bêbados amam demais*, e o CD *Wojciechowski*, lançado pela Grande Garagem que Grava. Então, conheci o maestro Octavio Camargo e a Barbara Kirchner. Formamos o grupo

“Não me sobra muito tempo, mas, felizmente, a aposentadoria bate à minha porta e, assim, espero, logo logo, ter todo o tempo livre para o ócio e a alegria. Tenho muitas obras por escrever, muitas músicas por compor, muitos autores por traduzir, muitos filmes por realizar.”

Língua Madura e fizemos quase uma centena de canções. O tema era a dor das coisas não ditas, das falas malditas, do silêncio criminoso e conivente que provoca o fim das relações. Lançamos quatro CDs, com o livro das partituras e letras, fizemos vários *shows*. Tudo muito lindo, tudo muito triste, tudo muito épico, tudo muito satírico.

Hoje trabalho na Uninter e mantenho uma página no Facebook onde posto poemas quase diariamente. É a melhor forma de receber um feedback quase instantâneo e, ao mesmo tempo, colaborar com os novos poetas. Não me sobra muito tempo, mas, felizmente, a aposentadoria bate à minha porta e,

assim, espero, logo logo, ter todo o tempo livre para o ócio e a alegria. Tenho muitas obras por escrever, muitas músicas por compor, muitos autores por traduzir, muitos filmes por realizar. O Giuliano Andresso esta semana me propôs uma parceria para a realização de programas de TV e curtas. Cinema como eu gosto.

Tem sempre algo novo no antigo

Um novo começo, vem aí um Thadeu que eu ainda não conheço. Mas se me pedissem para olhar para trás, diria que eu não perdi nada, eu encontrei muita coisa boa. Amigos excepcionalmente criativos, bons de conversa, melhor

ainda de versos. Augusto dos Anjos, por exemplo, está quase sempre presente. Cruz e Sousa, Dante, Shakespeare, Rimbaud, Baudelaire, Maiakovski, Emily, Poe, Yeats, Bashô, Issa, Adam, Kliébnikov, Marcos Prado, Leminski, Machado, Dalton, Nelson Rodrigues, Noel Rosa, Nelson Cavaquinho, enfim, a companhia é grande. Tem sempre algo novo no antigo. Tem sempre algo antigo no novo. Muita gente acha que essas quinquilharias tecnológicas (espe-linhos pra enganar índio) são o novo. Vivem iludidos na matéria, trocando sua eternidade por produtinhos e artiguinhos de grifes, nem desconfiam que a novidade é uma impossibilidade matemática. ■

 **Antonio Thadeu Wojciechowski**, conhecido como o Polaco da Barrerinha, é publicitário e professor de literatura e língua portuguesa. Letrista e compositor, autor de numerosas músicas, algumas delas gravadas pelas bandas *Beijo AA Força* e *Maxixe Machine*. Tem mais de três dezenas de livros, em prosa e poesia, dos quais se destacam *Ai dos que não são Thadeu* (poemas, 1994), *Assim até eu* (prosa, 2003) e *Koan do como onde: saboro nossuço* (filosofia, 2009). Vive em Curitiba (PR).

PINGOS DE CHUVA

(Ode aos poetas mascates da noite)

sempre que um poeta
pelas Ruas e Bares da cidade
tentar lhe vender a sua poesia
abuse e use ... a imaginação

perceba que ele foi abduzido
por uma paixão
fala como quem canta uma
canção
enquanto tenta lhe vender
pingos...pingos de chuva
antes que eles caiam no chão

EU NÃO SOU
UM IDIOTA

se o idiota for você
e entre a vida e a morte
negocio com a sorte
eu vou botar é pra fuder!

UM A MENOS
TANTO FAZ COMO FEZ

... o desejo, ansioso, sempre pede a mesma coisa:
...mais, mais e mais!
... já a liberdade, muito tranquila e achando
a vida muito divertida,
adverte:
...menos,...menos!
... quando o desejo
convoca a vontade para fazer o serviço,
esta sempre é exagerada
e não tolera ser contrariada
quando apresenta a sua magnânima charada:
... agora, ou é tudo ou não é nada!
... olhando de dentro o que está por fora,
o tempo orienta a realidade a ser precisa e clara
diante dos elementos envolvidos pela incerteza
diante de muitas escolhas:
... nem mais, nem menos
... seja tudo, menos mais ou menos!

SÓ SE EU FOR UM IDIOTA

deixo tudo isso acontecer
mas não gosto de fascista
não sou isca de polícia
nem tenho medo de morrer

ninguém me paga pra que eu fique puto
a minha liberdade não precisa de uma lei
além do crime que vem do futuro
no mundo invisível
diz-se que até o impossível vai acontecer!

e não vai ser por falta de aviso
agora, já é preciso ter que escolher
viver a vida na beira de um abismo
sem saber se lá no fundo
existe um outro mundo
onde ninguém mais vai morrer



Ilustração Marluce Silverio

O IDIOTA

me disseram: fica quieto
me pediram no escuro
trate de obedecer!

havia quem queria pular muro
de repente, ele caiu e nunca existiu
nem pra mim nem pra você

o pior é o que se fala do futuro
a propaganda sabe muito bem como vender
o fim do mundo pra quem tem seguro
de vida e de morte
dizendo que a sorte
é tudo que se pode ter



GOSTO NÃO SE DISCUTE

o que é mais difícil?
saber que vc gosta de alguém
ou saber que vc não gosta de ninguém?
de quem vc gosta
vc sabe como encontrar razões
e se sente bem, imaginando os motivos
de quem vc não gosta
pode até discriminar motivos
...seja qual for a razão
será a penas uma justificativa
que não será lá muito positiva
a gente gosta do que quer
e não gosta do que quiser
não se sabe se é mais fácil
não se entender a diferença
que há que entre uma coisa e outra
ou o que faz uma só conseguir ser o que é
se conseguir ser o contrário da outra
o que é mais fácil e mais sensível
é crer que vc gosta de alguém
que vc acredita que gosta tanto de você
que vc nem precisa gostar ou não gostar
de mais ninguém...

A BEIRA DO ABISMO

se vc não “puder” vir
não venha
se vc “quiser” vir, pode chegar
vc já sabe qual é a senha
se vc “não quiser” vir, não vem
eu até digo que vc veio
ninguém sabe pra onde vai
se no vai-não-vai parar no meio
se vc “não quis” vir e veio
pelo menos que tenha vindo
tentar ser feliz porque quis
se vc vier até onde eu estou
quem vai fazer o caminho de volta
serei eu
e esse caminho será tão meu
que pode até ser feito sem vc
se vc não vier, eu vou
eu quero e vc pode
se vc pode, eu quero
se eu não for, vc vem
...vem!

 **Tavinho Paes** nasceu e vive no Rio de Janeiro (RJ). É autor de mais de cem booklets, como chama seus livros editados de forma independente. Paes também foi um dos fundadores do projeto CEP 20.000 (sarau carioca realizado há mais de duas décadas), juntamente com Chacal, Carlos Emilio Lima e Guilherme Zarvos. Como letrista, fez músicas para Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Gal Costa e Rita Lee, entre outros.



Formação na marra



“Educado pela televisão”, o ator e músico conta como desenvolveu, tardiamente, seu gosto pelos livros

OMAR GODOY

Em quase quatro anos de “Perfil do Leitor”, Alexandre Nero é o primeiro entrevistado que afirma ter lido Paulo Coelho. “Também é a primeira vez que eu tenho coragem de contar isso pra alguém”, brinca o ator e músico de 45 anos, que leu *O diário de um mago* na adolescência. “Até então, eu só lia as coisas obrigatórias da escola, e achava tudo meio chato. Com esse livro foi diferente, eu tinha vontade de voltar para casa e terminar de ler”, explica.

“Educado pela televisão”, como ele mesmo diz, Nero não cresceu num ambiente culturalmente inspirador. “Na minha casa, a leitura não era vista como uma coisa prazerosa. Na verdade, não se consumia nada muito sofisticado em termos de cinema, teatro, literatura”, lembra. A linguagem acessível de Coelho, portanto, serviu como elemento facilitador — além da temática “libertária”.

“O que me atraía no Paulo Coelho não era a magia, o mistério. Era aquele discurso utópico que sempre atrai o jovem, com frases feitas, otimistas. Tanto que, logo em seguida, me interessei pela obra do Roberto Freire”, conta, referindo-se ao escritor e psiquiatra, autor do *best-seller Sem tensão não há solução* e criador da somaterapia (técnica de fundo anarquista e baseada na teoria reichiana).

Curitibano criado em São Paulo, Alexandre Nero voltou à capital paranaense aos 17 anos, depois de largar a faculdade de Administração. Virou “músico da noite” para pagar as contas e acabou fazendo amizade também com gente de teatro. “Foi então que se abriu um universo novo para mim. Mas aí eu precisei buscar uma formação cultural ‘na marra’, na ‘unha’. Morava quase do lado da Biblioteca Pública do Paraná e ia lá praticamente todos os dias. Foi minha sala de aula”, afirma.

Dessa fase, em que já fazia curso de ator, ele lembra de emprestar todos os livros de Luis Fernando Verissimo. “O Verissimo é outro cara que me atraiu pela facilidade do texto. Mas também pelo bom humor, uma das características que eu gosto em literatura. A outra é a sujeira, me interessa por quem mostra um lado mais sacana, sombrio da vida”, diz Nero, que credita ao teatro boa parte de seu repertório literário. “Através das pesquisas para fazer peças, entrei em contato com a obra de vários autores, como Julio Cortázar, Millôr Fernandes, Dalton Trevisan.”

Outra fonte de referências foi a convivência com os integrantes do Fato, grupo curitibano de MPB conhecido por resgatar e incorporar elementos regionais paranaenses. “Os caras são eruditos, quase todos atuam como professores na universidade. As conversas entre eles rolam num nível altíssimo, e eu ficava tentando guardar todos os nomes citados para pesquisar depois. Foi assim com Nietzsche, Freud, Jung, etc. E com os escritores locais, que são mais importantes, na minha vida, que Drummond e Machado”, revela o artista, que fez parte do Fato entre 1997 e 2007.

Seu “cânone” de curitibanos inclui Paulo Leminski (“Já tive fixação por ele, adoro os jogos de palavras”), Manoel Carlos Karam (“Me identifico com a



maluquice”), Dalton Trevisan (“Pela sujeira”) e Cristovão Tezza (“Tem muita sensibilidade”). Mas ele também cita Ricardo Corona, Luiz Felipe Leprevost, Alexandre França e Marcelo Sandmann, entre vários outros. “A grande maioria dos livros da minha coleção é de autores da cidade ou nacionais. A única exceção é o Woody Allen, compro tudo dele que sai no Brasil”, conta.

Já gravando sua próxima novela (*A Regra do Jogo*, com estreia marcada para agosto), o ator se ressentia de não poder ler mais. “São quase quatro anos sem férias, emendando um trabalho no outro e gravando todos os dias, o dia inteiro. Mas ainda consigo ler algumas coisas na base da porrada. No momento, estou interessado em livros de quadrinistas. Tem quatro separados aqui na minha estante: André Dahmer, Bruno Maron, Ricardo Coimbra e Arnaldo Branco.”

A carreira musical também está em pausa por causa das novelas sucessivas. Tanto que seu próximo projeto na área está previstos apenas para 2016: um disco só com músicas para crianças — “Agora tenho um alibi para isso”, brinca Nero, que será pai em breve.

Há, ainda, a possibilidade de Nero lançar seu primeiro livro de poesia, que reuniria letras de música, anotações pessoais e textos publicados na internet. “Ainda não saiu por falta de tempo, porque medo de ser julgado eu não tenho mais. Graças ao Leminski, entendi que poeta é quem se considera poeta. Por que você pode dizer que é ator, que é músico, mas não pode dizer que é poeta? O Leminski é genial porque nos deu essa libertação, ajudou a tirar a poesia desse pedestal inatingível”, afirma. ■

CLIQUESES

EM CURITIBA





 O fotógrafo **Orlando Kissner** tem mais de 35 anos de carreira. Seu primeiro emprego, como fotojornalista, foi no jornal *O Estado do Paraná*. Kissner também fez parte da equipe da editora Abril, da agência France-Presse e do jornal *O Estado de S. Paulo*, onde ficou por nove anos. Viajou muito, cobriu quatro Copas do Mundo de futebol, vinte GPs de Fórmula 1 e quinze Copas América. As imagens publicadas pelo **Cândido** foram tiradas recentemente e mostram conhecidos pontos turísticos de Curitiba sob o olhar singular de Kissner.





Rafa Campos nasceu e vive em São Paulo. É cartunista, ilustrador e quadrinista. Colaborou com diversos veículos da imprensa, como *Piauí*, *Caros Amigos* e *Folha de S. Paulo*. É autor de *Deus, essa gostosa* (2012), sua primeira *graphic novel*, em que retrata Deus como uma mulher negra e sexy, e de *O golpe de 64* (2014), em parceria com Oscar Pilagallo, sobre um dos períodos mais turbulentos da história do Brasil.